

III – Delimitação e análise contrastiva dos SNs em português e árabe

Uma amostra foi construída, envolvendo um número necessário de exemplos que proporcionassem a comprovação das observações pessoais acumuladas ao longo desses últimos anos. A listagem envolve, via de regra, subitens que chegam a um desmembramento de até oito possibilidades dentro de cada análise prevista, proporcionando à estrutura interna do SN observação e detalhamento, com grau apreciável de confiabilidade e possibilidade de adaptação a estudos que, porventura, desejássemos enveredar, em futuro próximo. Este corpo de exemplos serve de amparo para a análise contrastiva.¹

Procura-se, sempre, iniciar a amostra pelas partes constitutivas do SN, muitas vezes aumentando-o até o ponto de detalhamento necessário para compreensão dos aspectos contrastados.

Assim tem-se:

- (1)
 - (a) Mãe.
 - (b) A mãe.
 - (c) Esta mãe
 - (d) A mãe bonita / A bonita mãe
 - (e) A mãe da menina.
 - (f) A mãe de Abdullah.
 - (g) A mãe bonita da menina / A bonita mãe da menina.
 - (h) A mãe bonita de Abdullah / A bonita mãe de Abdullah.

¹ Optou-se por colocar, em Anexos, a amostra / listagem na língua árabe, seguida de transliteração.

(2)

- (a) Vida.
- (b) A vida.
- (c) Esta vida.
- (d) A bela vida / A vida bela
- (e) A vida do homem.
- (f) Esta vida do homem.
- (g) A bela vida do homem / A vida bela do homem.
- (h) A vida generosa daquele homem / A generosa vida daquele homem.

(3)

- (a) Família.
- (b) A família.
- (c) Esta família.
- (d) Esta família linda / Esta linda família.
- (e) Esta família linda e perfeita/ Esta linda e perfeita família
- (f) A família do meu pai.
- (g) Esta família linda e perfeita do pai /
Esta linda e perfeita família do pai.

(4)

- (a) Secretária.
- (b) A secretária.
- (c) Esta secretária.
- (d) A bonita secretária / A secretária bonita.
- (e) A bonita secretária do Departamento /
A secretária bonita do Departamento.
- (f) A bonita secretária do Departamento de Admissão /
A secretária bonita do Departamento de Admissão.
- (g) A bonita secretária do Departamento de Admissão e Registro/
A secretária bonita do Departamento de Admissão e Registro.

(5)

- (a) Elas, as duas moças.
- (b) Eles, os amigos do rei.
- (c) * Os esses amigos.
- (d) Os meus amigos.
- (e) Estes meus amigos.
- (f) A tua escola / A vossa escola.

(6)

- (a) A cidade da montanha pequena.
- (b) A cidade da pequena montanha
- (a) Camisa de homem.
- (b) Camisa para homem.

(7)

- (a) O primo e a prima bonitos.
- (b) O primo bonito e a prima bonita.

(8)

- (a) A amiga da escola.
- (b) A amiga da Escola Primária.
- (c) A amiga da Escola Primária do Cairo.

III.1 – O especificador determinante, artigo definido e restrições comportamentais de ocorrência

Em (1) (a), (2) (a), (3) (a) e (4) (a) tem-se, em português, um núcleo, tão somente uma categoria lexical como constituinte único e também núcleo do SN. Por ser um nome, um substantivo, verifica-se aí um sintagma nominal.

Este principal constituinte em sua forma isolada já não ocorre na língua árabe, pois que o especificador determinante, artigo definido, grande elemento de definição na língua, aparece em praticamente a totalidade de seus nomes.

Tal ocorrência não é esperada, quando se trata da língua árabe, pois que os nomes apresentam, nessa língua, uma necessidade de definição por intermédio do artigo, que além de elemento de definição, é, até certo ponto, um indicador de cunho religioso.

Na língua árabe pode até ocorrer um nome comum em sua posição de indefinido, marcado com um indicador de caso de nominativo indefinido, ao se fazer uso de indefinição através do uso de casos, mas não será esse o evento esperado.

O comum e esperado é que os nomes comuns venham, usualmente, acompanhados de um determinante artigo definido à sua esquerda, marcando uma posição permanente e previsível antes do núcleo do SN.

Este determinante, artigo definido, não mostra marcadores flexionais referentes a gênero e número, sem necessidade de especificação de quatro formas possíveis para tal determinação, como se faz em português.

Mostra este determinante, artigo definido, uma característica toda particular e idiossincrática, pois que se agrega, junta-se ao nome a que se refere e passa a formar com ele um só e único conjunto, não ocorrendo de outra maneira; constitui-se em uma estrutura uniforme e indivisível, fundem-se artigo e nome em um só bloco.

Apresenta, ainda, este especificador determinante, artigo definido, uma restrição de ordem fonológica, limitada pela escolha de nomes iniciados por letras que se denominam lunares ou solares.

Assim, tem-se em português: *mãe*, *vida*, *família* e *secretária*, isoladas como constituintes únicos, Ns, mas em árabe: *amãe*, *avida*, *afamília* e *asecretária*, devidamente acompanhadas do especificador determinante, artigo definido e formando com eles um todo indivisível, mas facilmente detectável, com identificação possível das unidades lexicais que o constituem.

Em (1), (2), (3), (4) (b) tem-se um constituinte principal, núcleo, enriquecido por um determinante, sob forma de artigo definido, formando uma categoria sintagmática, ou seja, uma projeção da categoria lexical que constitui o seu núcleo (*mãe*). Corresponde, dentro do aspecto contrastivo, à única possibilidade de ocorrência dentro do árabe, permanecendo as letras (a) dos itens (1) a (4) de ocorrência não previsível. Tal hipótese precisaria ser desconsiderada.

Em (1), (2), (3) e (4) (b) tem-se uma igualdade, até certo ponto, de comportamento dentro da estrutura interna do SN. Em ambas as línguas, pode-se ter o núcleo, principal constituinte, apenas acompanhado de um especificador, no caso expresso por um determinante sob a forma de artigo definido (*a*).

Assim tem-se:

- (1) (b) A mãe.
- (2) (b) A vida.
- (3) (b) A família.
- (4) (b) A secretária

Não se tem diferença de composição de estrutura, no sentido de que há a manutenção de um padrão, ou seja, art + N, uma igualdade, até certo ponto, de comportamento dentro da estrutura interna do SN, mas apenas diferença de como o artigo definido se apresenta e comporta-se em cada uma das línguas.

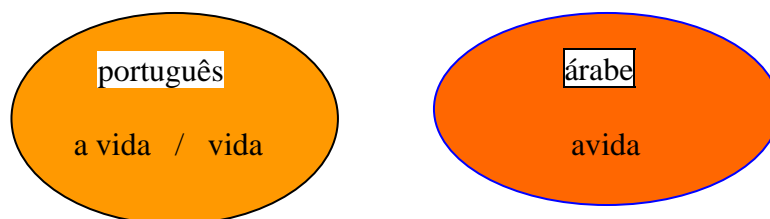
O especificador, que se encontra em uma função de determinação, quando da categoria artigo, se manterá, em português, sempre à esquerda do núcleo do

SN, como se essa lhe fosse, realmente, uma posição cativa, permanente e inerente à sua própria categoria lexical de artigo.

Constata-se identidade de estrutura, mas não total identificação, pois que o artigo definido, em árabe, não mostra flexões nem de gênero, nem tampouco de número, sendo uniforme para as quatro possibilidades, com o uso fixo de duas letras, ou raízes, sem marcadores flexionais, que servem, indiscriminadamente, para masculino e feminino, singular ou plural, sem necessidade de especificação de quatro formas possíveis para tal determinação, como no português.

Mostra, também, um índice de diversificação fonética, com operações de elisão ou dobragem, condicionado ao fonema primeiro do nome que determina e ao qual se junta, em forma, passando a constituir, artigo e nome, um só conjunto, gerando, assim, ainda, uma transformação morfossintática expressiva, com reunião de unidades lexicais sob o formato de um conjunto único. Observa-se uma mudança de ordem estrutural, envolvendo ainda princípios não só morfológicos, como sintáticos.

Assim tem-se:



Outra restrição de ocorrência do artigo definido, na língua árabe, reside no fato de seu não aparecimento diante do nome próprio, que não necessita, normalmente, de determinação, pois que já são considerados como definidos em si mesmos, quando se trata de nomes de pessoas, a não ser quando se faz uso de nomes próprios como sobrenomes de família, ou mesmo, nomes comuns que passaram a ser usados como nomes próprios, constitutíveis de nomes familiares.

Passam eles a receber uma determinação pela agregação de um especificador determinante, artigo definido, e vão formar com esses nomes um só conjunto, conferindo-lhes a mudança de sub - categorização lexical.

Nesse caso, observa-se uma grande afluência de nomes de família, outrora nomes comuns, especificados e determinados.

Resta lembrar que, na realidade, ainda que, na aparência, na estrutura mais superficial, sejam tidos como nomes próprios, mas não se pode olvidar, que, há algum tempo, faziam parte do rol dos nomes comuns e, que, essa marca persiste, mesmo que se processe a mudança de uso.

Essa permanência se mostra, exatamente, por essa definição portada por especificadores do tipo artigos definidos, que ali, estão, na realidade, em sua estrutura mais profunda, especificando e determinando nomes comuns, que se viram movimentados para outra sub - categoria lexical.

Tal ocorre por efeito de uso, ou necessidade decorrente da própria evolução lingüística a que as línguas se mostram afeitas e, até mesmo, subservientemente em posição de aceitação, pois que o uso encontra, via de regra, uma maneira de se impor, muitas vezes, sem que se perceba, mas, definitivamente, por vezes, e com a força daquilo que chamamos mesmo de ocorrência real e factual de um evento lingüístico.

No caso de locativos, a língua registra sempre com artigo alguns e, sem artigo algum, outros, sem razão aparente relevante que permitisse a elaboração de um parâmetro de uso / não-uso nesse sentido. Portam variantes e mobilidade no uso, pois que alguns se mostram agregados a artigos, por força de cristalização, sem que isso impeça de se encontrar alguns que não o admitam.

Cairo é um desses casos, onde o artigo se faz necessário, como se já fizesse parte, por um processo de cristalização, do nome próprio focalizado.

Seguindo esse parâmetro de comportamento de utilização, ou não, de artigos em certos locativos, pode-se acrescentar que, da mesma maneira, por exemplo: Tunísia, Líbia, Oman, Qatar, Maurítânia, Egito, Líbano, Síria em árabe não se mostram acompanhados de artigo, diferentemente de: Iraque, Sudão, Jordânia, Bahrein, Algéria e Marrocos que só são registrados com ocorrência de especificador determinante, artigo definido, antecedendo a cada um e agregados como se fossem um só nome, constituindo, assim, estrutura uniforme e indivisível.

A determinação, por artigo definido, nas duas línguas se mostra semelhante, mas não idêntica. Em ambas as línguas, pode-se ter o núcleo, principal constituinte, apenas acompanhado de um especificador, no caso expreso

por um determinante sob a forma de artigo definido (*a*), mas o comportamento desta determinação, como foi visto, se afasta nas duas línguas.

Existe, portanto, um mesmo princípio ocorrendo nas duas línguas, ou seja, o da determinação, mas diverso em seus parâmetros de comportamento, onde o especificador determinante artigo definido, em árabe, além de não mostrar necessidade de promover concordância com o nome a que se refere, sem formas versas esperadas para singular e / ou plural, nem tampouco formas para gênero, como feminino e / ou masculino, ainda apresenta uma característica toda particular e idiossincrática, pertinente a um parâmetro específico de tal língua.

Tal especificador determinante, artigo definido, se agrega ao nome a que se refere, seja esse nome, substantivo ou adjetivo, e passa a formar com ele um só e único conjunto, não ocorrendo de outra maneira.

Interessa mostrar a existência de algo diferente, ocorrendo na mesma estrutura sintagmática, onde o princípio é o da simples delimitação por artigo definido, mas o parâmetro resultante, em cada língua, mostra-se diverso, apesar da aparente semelhança em sua essência, ou seja: um N, especificado por um único artigo, no caso, definido.

Sendo assim, não se pode dizer que os dois itens, nas duas línguas, mostram idêntico comportamento, pois que subparâmetros fonológicos e morfossintáticos se mostram estabelecidos, dentro da categoria lexical artigo, que afastam a identidade plena entre as duas línguas.

Mas, mesmo assim, mantém-se o traço de identificabilidade de que: ambas as construções são definidas por um especificador do tipo artigo definido, ainda que essa operação ocorra com acréscimo de movimentos e projeções, em árabe, mas, que não invalidam o princípio de que as diferenças entre-línguas residem mais na periferia do que, propriamente, em seus aspectos essenciais.

III.2 – Coocorrência e coindexação de especificador demonstrativo com especificador determinante artigo definido e restrições

Em (1), (2), (3) e (4)(c) verifica-se a ocorrência de um núcleo constitutivo *mãe*, *vida*, *família* e *secretária* respectivamente, acompanhado de um especificador demonstrativo à esquerda de N_1 .

Assim tem-se, em português:

- (1) (c) Esta mãe.
- (2) (c) Esta vida.
- (3) (c) Esta família.
- (4) (c) Esta secretária.

Artigo definido e pronome adjetivo demonstrativo apresentam-se em relação de mútua exclusão, ou seja, o uso de um não permite o uso do outro; não há dois espaços a serem preenchidos para esses tipos de especificadores à esquerda do núcleo, na língua portuguesa.

Fato exatamente oposto ocorre na língua árabe, onde ambos os dois especificadores *a* e *esta* são simultaneamente usados e sua presença é não só necessária, como esperada, como também participam de uma intercessão.

O demonstrativo nesta posição, em português é suficiente e bastante, o que já não ocorre na língua árabe, onde se observa a coocorrência de especificador demonstrativo e especificador determinante, artigo definido, sendo essa coocorrência natural e automática; processa-se nesta ordem: demonstrativo anterior ao artigo definido, antes do nome a que especificam e a que se referem, com aceitação tácita de uso e familiaridade de emprego entre os falantes.

Verifica-se, então, que o especificador demonstrativo, precisa, também, além de coocorrer, necessariamente, anteceder o de caráter determinante, artigo definido, na posição à esquerda do núcleo, principal constituinte do sintagma.

Ambos são previsíveis e guardam sua independência de uso, se necessário, mas, preferencialmente, são de utilização simultânea.

Assim, um SN do tipo (5) (c), (*)*Os esses amigos* seria totalmente e reconhecidamente agramatical em português, mas tem-se, em árabe, algo como: *Esta aamiga* com coocorrência de especificador demonstrativo e artigo definido, observando-se a prioridade de posição do demonstrativo em relação ao artigo e as ocorrências relativas ao especificador determinante, artigo definido, já delineadas sob III.1, no que se refere às restrições e formação de um bloco único e indivisível constituído pelo artigo e nome a que se refere.

Essa dupla utilização simultânea de especificadores à esquerda do núcleo, esta coocorrência de ambos os especificadores à esquerda do núcleo₁, i.e., artigo e demonstrativo, ocorre sem superposição sintática, de qualquer espécie no árabe.

Na língua árabe, trava-se contacto com essa disposição dupla de especificadores, acima referida, onde a simultaneidade se faz necessária e a coocorrência surgirá, não por efeitos pleonásticos ou quaisquer intenções de estilo, mas por preenchimento mesmo de ocorrência gramatical esperada, previsível, comum, natural e freqüente, não só na língua falada, como também na escrita.

Cabe, ainda, dizer que tal procedimento, em relação ao especificador na língua portuguesa, dentro da estrutura interna do sintagma nominal, ainda não é nem aceita, nem explicável.

Assim, em português, um especificador determinante, artigo definido, não aparecerá precedendo um outro especificador, do tipo demonstrativo, como em (5) (c),(*) *os esses amigos*, não se apresentando, portanto, coocorrência de especificação desse tipo. Não é possível presenciar a simultaneidade de emprego de especificadores da natureza da categoria gramatical determinante, artigo definido, e pronome adjetivo demonstrativo, referenciando-se a um mesmo nome.

Essa dualidade de emprego não coocorre em português, mas é de natureza corriqueira e comum na língua árabe, surge, naturalmente, sem que sequer se perceba um acúmulo de especificação, talvez, semelhante, ou redundante, para os falantes de outro idioma, mas, perfeitamente possível e exequível para os falantes de árabe.

Em árabe, dizer-se *Este o homem*, ou *esta a menina*, são naturalmente aceitos e caem dentro da rotina de quem o faz e de quem o ouve, sem maiores considerações, nem tampouco estranhamentos.

Então, (5) (c), (*) *os esses amigos*, agramatical em português, torna-se possível em árabe, apenas pela troca de posição entre dois tipos de especificadores, demonstrativo e artigo, validando, assim essa estrutura, que se expressará, também, por:

Esse os amigos, onde se observa, mais ainda, que, além da inversão de especificadores, se fez necessário mais dois tipos de ocorrência:

Primeiro: especificador demonstrativo à esquerda do núcleo em árabe se mostra invariável quanto à ocorrência de flexão número, em relação ao nome a que se refere.

Segundo: mantém-se, no entanto, a obrigatoriedade de observação da escolha entre feminino ou masculino, presa ao N a que vá se referir.

Essa não flexão em número do demonstrativo torna-se muito comum nessa posição de anterioriedade ao N, núcleo, se por simplificação de uso e posterior cristalização de tal procedimento, não se pode arbitrar, mas cabe o registro.

Essa disposição de coocorrência poderá vir a ser até mesmo tripla, pois que se pode ter a sobreposição de especificador demonstrativo, especificador pronome pessoal e determinante artigo dentro da estrutura interna do sintagma, em posição de anterioriedade em relação ao núcleo.

Algo como *este ele o menino* é não só possível, como esperado, na língua árabe, onde a maior estranheza para nós não seria somente a coocorrência de especificadores, mas a possibilidade de um pronome pessoal preencher uma função de especificação, o que não ocorreria na língua portuguesa, sendo considerado como agramatical e de impossibilidade prevista.

Resta, ainda, a ressalva, que, em português, a categorial lexical pronome pessoal não aceita a função de especificador, mas sim a de sujeito, ou núcleo constituinte principal de sintagmas.

Essa distinção para o item lexical pronome pessoal, conferindo-lhe possibilidade única de comportamento não ocorre em árabe, onde ele se desloca, também, para função de especificador, pelo aspecto cumulativo de especificadores determinantes à esquerda do núcleo, N.

Assim, essa projeção de função de uma mesma categorial lexical, no caso, pronomes pessoais, em português não se realiza, mas em árabe é, não só possível, como esperada.

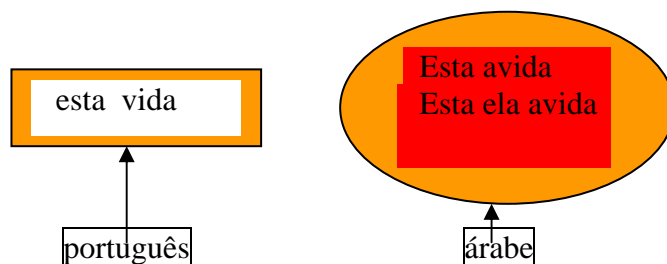
Torna-se mesmo possível até aumentar o índice da diferenciação, quando se diz: *este ele o menino*, com igual naturalidade e lugar comum, na língua árabe. Pode-se, então, verificar a ocorrência de três especificadores determinantes, à esquerda do núcleo.

Em português, tal procedimento seria tido não só como estranho, não gramatical, mas, até mesmo pleonástico, se assim se desejasse colocar.

Em português, a ocorrência de tal especificador inibe a necessidade de utilização de um especificador determinante, artigo definido.

É esperado que aconteça tal coocorrência na língua árabe, mas existe uma só restrição para que tal não ocorra, e é, exatamente, a presença de uma construção do tipo $\boxed{+ N_2}$, que funcionará como elemento inibidor dessa coocorrência.

Assim tem-se:



Trata-se de ocorrência natural e esperada na língua árabe e, a nós, não nos cabe julgar se tais coocorrências de especificadores, à esquerda do núcleo, seriam ou não, de natureza pleonástica.

A nós, cabe-nos o registro e a aceitação de mais um parâmetro estabelecido dentro de princípios de especificação e / ou determinação de núcleos.

Côncios somos, que essas diferenças entre línguas, são de teor periférico e não nos credenciam para estabelecermos que as mesmas sejam totalmente diversas, afastadas, ou sem pontos de contacto.

Muito pelo contrário, essas divergências ou afastamentos, são de ordem superficial, não invalidando o resultado final, qual seja, o de especificar.

Tais afastamentos sequer concedem alguma brecha para admitir que essas duas línguas muito se afastam de princípios universais existindo entre línguas.

III.3 – Especificador possessivo, redução de unidades lexicais, exclusão de uso, variabilidade de pessoas do discurso aumentada e suas restrições

O especificador possessivo, em árabe, não ocorre como uma unidade lexical em separado, mas se agrega, sob uma formação sufixal, ao nome a que passa a idéia de posse, formando com esse nome uma única unidade lexical.

Além de especificador possessivo e nome substantivo passarem a formar uma única unidade lexical, esse especificador apresentará uma característica que se afasta, no português, do comportamento reservado a esse tipo de especificador: Esse sufixo pronominal indicador de posse deverá concordar com o possuidor e nunca com a coisa ou coisas possuídas.

Tal fato já adiciona mais uma idiossincrasia típica da língua árabe, em confronto com o mesmo fenômeno, objeto de análise no português.

Observa-se que o mesmo conteúdo semântico, expresso pelas duas línguas, mostra, estruturalmente, uma economia em termos, tamanho e extensão na língua árabe, sendo essa mesma uma das características advogadas para essa língua, qual seja, a brevidade, advinda da própria caracterização matemática em que a estrutura da língua se mostra e apoia-se.

Esta economia em termos quando da sufixação expressando posse vê-se contrabalançada pelas individualizações sufixais de pessoa, gênero e número, com sub - categorização significativa do número de pronomes pessoais inclusive o dual para estabelecimento de um discurso sem ambigüidades

Enquanto, no português, em *amigo da minha irmã*, por exemplo, faz-se uso de quatro palavras, com redução para três pela contração da preposição *de* mais artigo *a* => *da*, em árabe precisa-se de uma só palavra junto ao nome, *amigo irmãminha*, com um sufixo pronominal agregado e justaposto para conduzir ao mesmo conteúdo semântico.

O especificador determinante, artigo, grande elemento de definição na língua árabe e com ocorrência em praticamente a totalidade de seus nomes, não pode coocorrer com o possessivo, ainda que esse se apresente sob a forma de sufixo pronominal. Artigo e possessivo são mutuamente excludentes; onde um ocorre o outro não poderá ocupar nenhum espaço, pois que são os dois considerados como instrumento de definição na língua, onde a dupla definição não ocorre, sendo mesmo considerada como não possível e mesmo inadmissível.

No caso de dêiticos possessivos, em português, a concordância em número e gênero faz-se com os nomes especificados, enquanto a escolha da forma é determinada pela função casual de genitivo em relação às pessoas do discurso.

Em (3) (f) e (g) encontram-se casos específicos de utilização do especificador possessivo, com todas as suas características idiossincráticas de formação sufixal constituindo uma única unidade lexical com o nome a que se refere, no caso *pai* e suas peculiaridades de concordância.

Em (3) (f) o possessivo serve como explicitação de um *IDAafa* singular, pois que a segunda parte referente a N_2 se mostra acoplada da sufixação referente ao possessivo, que naturalmente exclui a possibilidade de determinação pelo artigo definido, para que característica de formação de uma única unidade lexical se efetive. A característica de exclusão necessária entre especificadores determinantes artigos definidos e possessivos além da ausência, também, de determinação junto a N_1 , automaticamente definido sem a presença real e aparente do determinante, representam algumas das restrições essenciais para que esta construção se realize.

Assim tem-se:

(3) (f) *A família do pai*, em português e:

(3) (f) *Família paimeu*, em árabe, mostrando ausência dos dois determinantes necessários, em português, e não previstos aqui, ausência do conectivo não esperado, em árabe, pela construção do *IDAafa* e utilização de dois elementos apenas (*família, paimeu*), em contraponto com os cinco necessários à explicitação da mesma ocorrência, em português, (*a, família de, o pai*).

Em (5) (d), *os meus amigos*, vê-se, em português, a concordância de gênero e número do nome com seus especificadores, um especificador

determinante, artigo definido, e outro especificador, pronome adjetivo possessivo, artigos e possessivos, sequencialmente dispostos, sem mobilidade possível e dentro de sua ordem previsível de artigo precedendo o possessivo, o contrário não ocorrendo. Os especificadores determinantes e possessivos coexistem sem nenhum impedimento.

No entanto, (5)(e) *Estes meus amigos*, mostra uma possibilidade de alteração, motivada pela troca do especificador determinante, artigo definido, (*os*) pelo especificador demonstrativo (*estes*), não provocando nenhuma restrição na estrutura do SN em português, sendo esta permuta possível e esperada junto ao especificador possessivo antecedendo ao núcleo constituinte.

A exemplificação foi intencional, para que fosse possível mostrar o aspecto contrastivo entre línguas, pois que (5) (d) é de ocorrência nula na língua árabe. O especificador possessivo jamais poderá ser acompanhado por especificadores do tipo determinante, artigo definido, já que, em árabe, não se faz possível, nem mesmo esperada, a coocorrência destes especificadores com possessivos.

Surge, portanto, uma restrição que precisa ser observada, qual seja, a de que o elemento possessivo não pode coocorrer com o elemento determinante artigo definido. Tal impossibilidade se prende ao fato de que um nome, em árabe, não suporta uma dupla determinação, mesmo que este possessivo se expresse, tão somente, pela junção de um sufixo pronominal, sem formação de uma unidade lexical própria ou independente. A utilização de um especificador de ordem possessiva não permite que o nome sofra qualquer outro tipo de especificação por meio de determinante, à esquerda do núcleo.

Em árabe, não coocorrem artigo e / ou possessivo. Caso se deseje fazer uso do elemento possessivo, esse se sobrepõe ao determinante artigo definido, que não só não ocorrerá, quando da presença do outro, como será dada preferência para o uso do possessivo.

Será esse possessivo agregado ao nome, e, formará com ele, uma única unidade lexical e dispensará uma determinação outra, pois que já se considerará determinado esse nome pela simples adição sufixal, correspondente ao possessivo escolhido.

Assim, em árabe, a adição sufixal indicadora de especificação possessiva, naturalmente, exclui a necessidade de outra forma de determinação para o nome.

Não se deve, contudo, esquecer, que, ao se passar de uma língua para outra, no caso árabe para o português, se faz necessário fazer uso de ambos especificadores, determinante artigo e possessivo, pois que ambos estarão semanticamente contidos dentro dessa única unidade lexical na língua árabe.

Tal ocorrência como a de uma especificação estar contida sem se mostrar clara pode parecer, a princípio, capaz de gerar alguma incompreensão, o que será resolvido mantendo-se em mente que o possessivo, em árabe, já é considerado, também como uma forma de determinação e, como foi observado, a dupla determinação não é esperada nesta língua.

(5) (e), *estes meus amigos*, de ocorrência possível e esperada em português, mostra-se possível, mas não necessária em árabe, pela mesma razão que especificador determinante, artigo definido e especificador demonstrativo coocorrem sem provocar uma dupla determinação, como já foi tratado em III.2. O especificador demonstrativo estará nestes casos exercendo uma função de expositor e não de determinação propriamente dita.

O fato de o especificador possessivo não ocorrer como um item lexical, em separado, mas sob a forma de um sufixo pronominal, acoplado ao nome a que transfere a idéia de posse, dando origem a um só elemento, agrupando duas unidades lexicais, pode propiciar economia à estrutura, no que se refere a número de categorias e unidades lexicais visíveis.

Mas, no entanto, pelo fato desse especificador, diferentemente do que ocorre em português, não concordar com coisa ou coisas possuídas e sim a concordância se realizar a partir da figura do possuidor, pode, também, gerar, lado a lado com a economia em extensão, um detalhamento bem mais extensivo pelo número significativo de pronomes pessoais existindo na língua árabe.

Com esse possuidor concorda em pessoa, número e gênero, pois que, com sua transformação em sufixo, integrando o nome em uma só unidade lexical, gera a necessidade de estabelecer o direcionamento de qual pessoa do discurso se deseja contemplar, em cada situação ocorrendo.

O sufixo, então, conterà e expressará as diferenças necessárias, representadas por individualizações sufixais de pessoa, gênero e número, inclusive o dual, para estabelecimento de um discurso sem ambigüidades que pudessem surgir, se tal cuidado não tivesse tido a língua e seu uso de estabelecer.

Assim tem-se, por exemplo, em (5) (f) em português: *a tua escola, a vossa escola*, já em árabe tem-se: *escolateu, escolatua, escolavosso, ou escolavossa*.

Se for considerado que a segunda e a terceira pessoas do plural, em árabe, apresentam uma forma especial quando as pessoas referidas são somente duas, mas não apenas uma, nem tampouco três, verifica-se um aumento significativo de formas, expressando o possessivo junto aos nomes. O árabe apresenta o dual, indicador de pluralidade somente para dois e não mais que dois, subcategorizado pelos dois gêneros feminino e masculino.

Tem-se então, também, *escolavocêsduas, escolavocêsdois*.

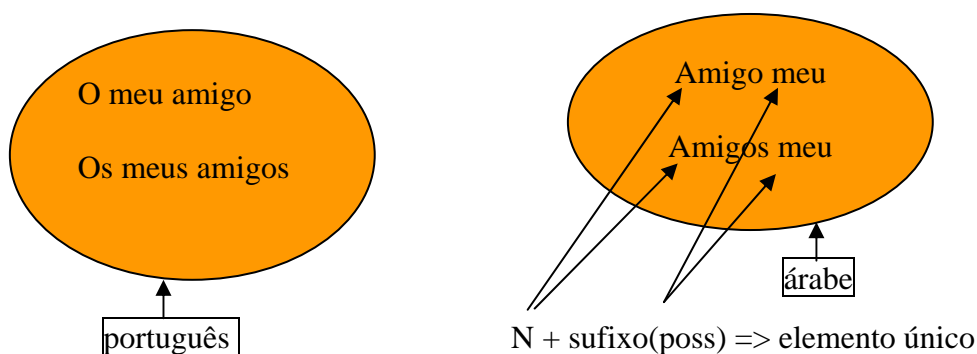
Isso se o nome for tão somente expresso no singular, pois, se fosse colocado na flexão de plural, surgiriam os mesmos possuidores, mas mostrando mais duas formas diversas que se distribuiriam por não só o plural *escolas*, mas também por *duas escolas* ou mais de *duas escolas*.

As oito possibilidades se distribuem as duas primeiras dentro do âmbito da língua portuguesa e as seis últimas expressam, em árabe, os desdobramentos decorrentes das diferenças pela sintaxe específica de concordância do elemento possuidor com o nome a que se refere e, pela existência do aumento de flexões de número, pela inclusão do dual.

Seria observado, então, que, assim, o número seria significativamente aumentado, se esse nome recebesse o possessivo em sua flexão de plural, em todas as opções mostradas.

Esse detalhamento se deve à utilização de quatorze pronomes pessoais na língua árabe, diferentemente do português.

Assim tem-se a seguinte configuração:



Acima vê-se um elemento único representando uma única unidade lexical, resumida pela sufixação indicadora do especificador de caráter possessivo, quando devidamente acoplado ao N a que especifica. A concisão de termos e diminuição de número de unidades lexicais necessárias para expressar um núcleo e seu especificador possessivo é clara e representa uma economia estrutural evidente.

Observa-se, também, que o especificador do tipo de categoria lexical expressando idéia de possessivo é, em árabe, perfeitamente excludente em relação à possibilidade de coocorrência de especificadores determinantes do tipo artigos definidos; tem-se, portanto, ausência de especificação por meio de determinante, artigo definido, cuja coexistência com o possessivo não é nem esperada, nem tampouco possível em árabe.

Assim, não se diz: *os meus amigos*, mas, tão somente: *amigosmeus*, em árabe, em uma única unidade lexical.

Assim, algo como: *O meu amigo*, ou *os meus amigos*, corresponderá a *amigomeu*, ou *amigosmeu*, respectivamente em português e árabe.

Não se pode esquecer que o possessivo concorda, nessa língua, árabe, com o possuidor e não com a coisa possuída, eis porque se mantém no singular, destarte ter-se *amigos*. O número de formas que surgirão se verá bastante aumentado.

Mas, é justamente nisso, nessa capacidade que línguas mostram de chegar a um denominador comum através de passos extremamente diferentes e, por vezes, mesmo aparentemente antagônicos, que se prende nossa argumentação.

Insistimos em dizer que línguas diferem no periférico, não em sua essência, diferem nos caminhos, não no resultado final.

Cabe a nós explicitar esses caminhos, decompô-los, torná-los compreensíveis e, mais que tudo, aceitá-los como fenômenos atinentes a uma determinada língua, mas que, nem por isso, tornam essa língua estranha ou diferente, ou menos compreensível por nós.

Não se pode, também, esquecer a função de lingüistas, em que jamais cabe julgar que essa língua, ou outra, seria mais, ou menos complicada, ou mais rica, ou mais pobre, em determinados detalhes.

A atribuição de um grau atributivo à língua, ou a línguas não é, nunca, a função do lingüista. Sua função é o registro e a constatação de aspectos

contrastivos que enriqueçam as análises e, assim, podem proporcionar o estabelecimento de parâmetros ou subparâmetros, dentro de princípios maiores.

Até porque, essas diferenças, aumentos ou reduções de pessoas do discurso, cabem, com certeza, muito mais, a uma análise das características culturais e históricas das línguas em confronto.

A tradição cultural ou social de um povo, influenciarão, sem dúvida, sua língua. A necessidade inerente aos costumes, à tradição e, muito à religião, deixa traços bem claros na própria estrutura da língua árabe.

Tal não poderá ser negado, nem sequer quando o conhecimento dessa língua não seja tão profundo.

O tratamento diferenciado entre homens e mulheres fez criar pronomes especiais para quando se dirige a alguém do sexo feminino, ou quando se fala sobre elas. O pronome de segunda pessoa, seja ele, singular ou plural, mostra marcas indicadoras dessa diversidade, oriunda da diferença marcante de tratamento entre os sexos, advinda da realidade religiosa, difundida no dia a dia do povo e da língua utilizada por essa comunidade lingüística.

Essa diferença entre sexos se reflete até no próprio caso dual, sendo diferentemente tratado, quando se refere a duas mulheres ou a dois homens.

III.4 – Mobilidade versus fixidez de posicionamento do especificador qualitativo e restrições advindas do aumento de especificadores com coocorrência de especificador determinante, artigo definido

O especificador adjetival, portador de grande mobilidade e grau de aleatoriedade em português, mostra, no árabe, grau de fixidez e não mobilidade, encontrando-se, sempre, em uma posição não facultativa de ocorrência, com o nome substantivo em posição anterior ao nome adjetivo, não ocorrendo em outra ordem. Trata-se este de um parâmetro obrigatório nesta língua.

Essa posição de anterioriedade entre nome substantivo e nome adjetivo não é facultativa, ela é necessária e não poderá deixar de ocorrer.

Apresenta, ainda, o especificador atributivo uma restrição quanto a especificadores, não podendo ocorrer sem que ele e o nome a que se refere sejam

igualmente determinados por um especificador determinante, artigo definido, que antecede não só o nome adjetivo como o nome substantivo por ele especificado.

O nome adjetivo recebe o mesmo tratamento que for conferido ao nome substantivo; ou seja, se o substantivo for determinado e definido, determinada e definida também deverá ser a expressão adjetival correspondente a ele. Nome substantivo e nome adjetivo precisam igualmente ser antecidos pelo artigo definido que a eles se agrega da maneira já descrita em III.1, com todas aquelas restrições pertinentes ao uso do determinante artigo definido na língua árabe com a junção do determinante com o nome a que se refere, passando com ele a formar um conjunto único, mas somatório de duas unidades lexicais. Verifica-se, portanto, um aumento sensível no número de especificadores dentro do SN, com esta coindexação de especificadores determinantes artigos definidos.

Sendo assim, em árabe, nem se cogita desta mobilidade, pois que o especificador adjetival mostra uma fixidez de posicionamento, sob qualquer circunstância.

Assim tem-se em:

- (1) (d) A mãe bonita / a bonita mãe.
- (2) (d) A bela vida / a vida bela.
- (3) (d) Esta família linda / esta linda família
- (4) (d) A bonita secretária / a secretária bonita.

As expressões qualitativas mostram nos exemplos acima, de (1), (2), (3) e (4) (d), quando em português, aleatoriedade e mobilidade de posicionamento, podendo ser colocadas após ou anteriormente ao núcleo primeiro do SN, permitindo deslocamentos que, à primeira vista, pareceriam idênticos. Os sintagmas adjetivais aceitam, sempre, uma segunda possibilidade de localização em relação a posição deles face ao núcleo, na língua portuguesa.

Esta mobilidade e aleatoriedade lhes é característica e própria; não se vai, pois, cingí-los dentro de nenhuma pré-classificação rígida de posicionamento, prescrevendo para eles posicionamentos fixos que não são adequados à sua própria natureza, como especificadores atributivos que o são.

Evidentemente que esses sintagmas adjetivais, seguindo a característica da aleatoriedade, não se mostram desguarnecidos do aspecto subjetivo pertinente a quem o delibera posicionar antes, ou após o núcleo, não deixando de apresentar nuances semânticas, quando da diversidade de posicionamento, o que não é, em absoluto, objeto do estudo.

Essa mobilidade com interveniência no teor semântico se trata, apenas, de uma questão de arbítrio e / ou estilo, o que não interfere, nem tampouco é objeto de análise, no caso do português.

Assim, em árabe, tem-se somente a possibilidade das seguintes posições,

- (1) (d) A mãe bonita.
- (2) (d) A vida bela.
- (3) (d) Esta família linda .
- (4) (d) A secretária bonita.

que se apresentam sob a seguinte forma:

- (1) (d) Amãe abonita.
- (2) (d) Avida abela.
- (3) (d) Esta afamília alinda.
- (4) (d) Asecretária abonita.

Caso exista a necessidade de coordenar dois atributos para um único nome referencial, como por exemplo, em português: *Esta família linda e perfeita*, não seria esta a configuração apresentada na língua árabe, pois que o simples fato do nome substantivo portar um especificador determinante artigo definido, de aparecimento obrigatório em todos os especificadores de ordem atributiva que a esse Nome se referirem, já elimina a necessidade de coordenação.

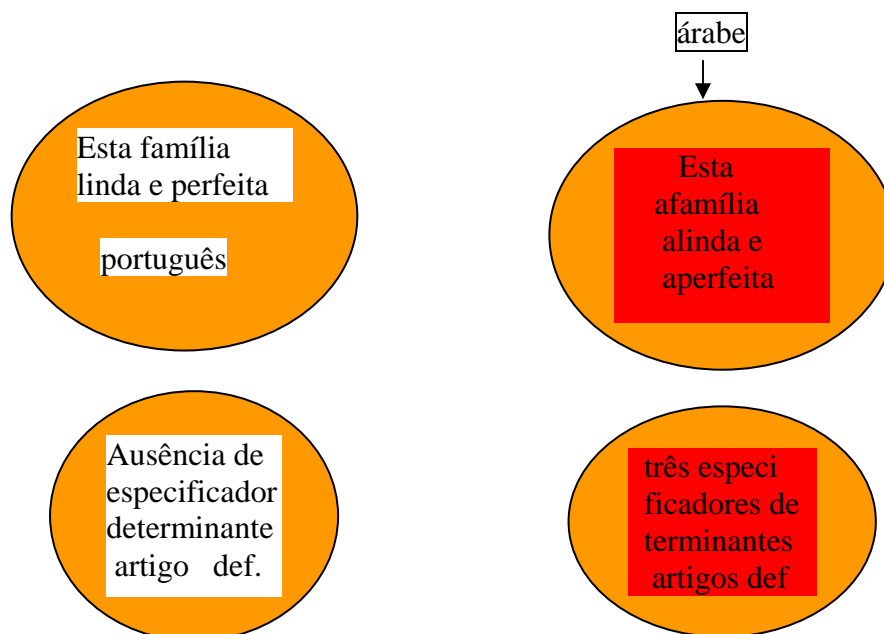
Assim tem-se, em árabe: *Esta a família a linda, a perfeita*.

A identidade entre eles é devidamente mantida pela presença de igual especificador determinante artigo definido, cuja ocorrência já os une dentro da similitude de função e estrutura. Esta coordenação poderá ocorrer, mas não será necessária.

Caso ocorra, em ambas as línguas, esse conectivo, *e*, de estabelecimento de coordenação entre unidades idênticas, de igual estrutura e função, tem-se comportamento idêntico, estabelecendo, no caso, similitude de análise e ocorrência dentro da estrutura interna do sintagma.

Cabe neste exemplo lembrar a coocorrência de especificadores demonstrativo (*esta*) e determinante artigo definido (*a*) aparecendo, mesmo quando da junção de especificadores adjetivais, como já abordado em III.2.

Assim, visualizando *esta família linda e perfeita*, em português e árabe:



A coindexação de especificadores determinantes artigos definidos exigida pela colocação de atributivos, bem como, também, a coindexação de demonstrativo e determinante artigo definido anterior ao nome substantivo *família* fez com que houvesse um aumento significativo deste especificador determinante artigo, em árabe, em contrapartida com a ausência total deste especificador determinante no caso do português, onde a presença do demonstrativo inibe a existência do especificador determinante e o atributivo dispensa, também, por sua vez, tal determinação.

O uso do atributivo dentro de uma análise contrastiva não pode passar sem a menção de um aspecto todo idiossincrático, peculiar à língua árabe. Assim, tem-

se, exemplificando, em árabe, algo como: *Aamiga adelicada* e *oamigo obonito*, mas *oscasas abonita*, paralelamente a *ascarros abonita*.

Não é objeto de preocupação o fato da diversidade de gênero, em que *casa* seja masculino, ou carro feminino. O objetivo aqui é, apenas, não deixar de mostrar, nestas ocorrências acima, um dos parâmetros característicos da concordância do especificador atributivo, na língua árabe, onde o adjetivo referente a nomes comuns, não animados, sejam eles femininos ou masculinos, vai, automaticamente, para o gênero feminino e número singular, sem dar importância, e nem levar em conta o gênero, nem tampouco, o nome a que se refira.

III.5 – Anexação do subconjunto (N₂) gerando uma construção especial prescindindo de elos de junção – *IDAafa* - e restrições advindas

A análise contrastiva ganha bastante relevância quando se debruça sobre uma construção, cuja função é formar algo que se possa definir como um N de N, ou seja, N₂, que se enquadra dentro do rótulo de especificadores e que se constitui na segunda parte do SN, com a seguinte configuração: $\boxed{N_1 + [\text{prep} + N_2]}$

Esta construção é representada pelo subconjunto dentro dos colchetes e mostra, em português, a necessidade de ocorrência da preposição entre os Ns, mas, em árabe, traz como primeira restrição a ausência de um elemento de ligação entre os nomes, onde a mera justaposição de nomes já cria uma determinação, pois que o primeiro nome será automaticamente determinado pela presença do segundo a ele justaposto, criando a construção especial do *IDAafa*, que prescinde de elos de junção. Nesse tipo de construção a primeira parte será, prontamente, definida, pelo aparecimento da segunda, ou seja, do N₂.

Essa ausência, esse espaço vazio, normalmente preenchido pelo especificador determinante, artigo definido, não causa, na língua árabe, nenhuma estranheza, pois que tal determinação de todo o conjunto é, de pronto, inferida, já que faz parte da definição da própria estrutura.

Esse tipo de comportamento, na língua árabe, já se encontra tão estabelecido e cristalizado, que recebe inclusive nomenclatura e denominação

própria, chama-se o *Caso do IDaafa*, palavra essa, derivada do verbo árabe que significa: *reunir, agrupar-se em torno*.

É exatamente isso que essa construção realiza, desde a sua própria raiz etimológica, que porta uma vasta gama de significações, podendo ir de *reunir, agregar, juntar, formar reuniões, estabelecer conjuntos, somar*, podendo chegar à palavra *multidões*.

Multidões, em seu significado original, geralmente não apresentam elos separatórios, mostram-se compactamente unidas para um objetivo comum, sem espaçamentos visíveis entre seus membros ou componentes.

Assim, pode-se reiterar e ressaltar que tal construção prescinde de elos de junção, junta-se, tão somente ao N_1 , e, assim, realiza sua função formadora e estrutural dentro da língua, qual seja, a de formar especificadores de delimitação ou indicadores de posse, dentro do sintagma em que são encontradas e em que operam. Quando tal ocorre, o primeiro movimento a ser empreendido será o de prever a ocorrência de um especificador determinante, artigo definido no subconjunto do sintagma, estabelecendo como previsível e necessário esse aparecimento, toda vez que o segundo N for representado por um nome do tipo substantivo comum.

Tal especificador determinante não só será necessário e esperado, mas se constituirá em requisito indispensável para que uma construção desse tipo se estabeleça na língua árabe. O vazio do espaço destinado à preposição em português, preenche-se, na língua árabe, pela presença do artigo definido que precisa aparecer nessa posição para que tal construção se estabeleça, salvo restrições em contrário, relativas à natureza do N_2 .

O núcleo do primeiro conjunto não será determinado, pois a definição da primeira parte do SN se fará, automaticamente, pela presença do segundo N, justaposto e devidamente especificado por um especificador determinante, artigo definido, que não só aparecerá obrigatoriamente junto ao N_2 , como, também, se juntará a ele, formando um único conjunto, inseparável como um bloco, mas portando duas unidades lexicais, i.e., artigo e nome, pois que tal é o comportamento esperado desse determinante, na língua árabe. É também esperado que tal determinante, artigo definido, ao se juntar ao N, substantivo, a que vai especificar e definir, mostre restrições de ordem fonológica e morfossintática, como visto sob a rubrica III.1.

A distribuição do subconjunto do SN \Rightarrow [Prep + N] não é, no entanto, arbitrária, especialmente quando este exprime uma propriedade inerente, ou específica, do ser a que se refere o N principal, elemento da primeira parte.

E é exatamente esse o caso desses subconjuntos dos SNs que, real e caracteristicamente, especificam o N anterior e podem, com tranquilidade, serem chamados de especificadores, ou mesmo Ns_2 .

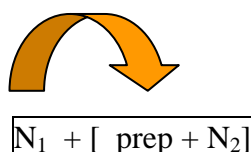
Chama-se, então, essa estrutura do subconjunto de **especificador**, pois que assim o é, tanto como os demais pertencentes a esse conjunto de enriquecedores, aclaradores ou delimitadores do constituinte principal do SN, ou seja, do seu núcleo, o N_1 . Sendo assim, o N_2 , que surja, entre colchetes é mais um especificador, ainda que especial em sua característica e comportamento e será considerado como especificador de N_1 , principal constituinte do SN.

Esse sub-conjunto ocupa, pois, uma função de enriquecimento ou delimitação, como qualquer sintagma adjetival ou demonstrativos, ou indefinidos, ou possessivos, o fariam de igual maneira e efeito. Sendo assim, prefere-se juntá-lo ao rol dos especificadores. que giram, com possíveis ampliações, em torno do N_1 da primeira parte do sintagma.

Especificadores esses que se colocam sempre à direita do núcleo do SN, não lhes cabendo outra posição possível, e, mostrando, desde já, que se constituem em uma estrutura com comportamento distinto e bastante definido, em relação a outras, que portam um maior grau de mutabilidade, especialmente no parâmetro colocação e natureza sintática.

Assim, denomina-se a segunda parte de especificador, dentro do conceito de algo que delimita, especifica ou dá alguma atribuição ao primeiro N, N_1 , em questão, ou seja, ao núcleo real do SN, o elemento constitutivo primeiro do sintagma.

Assim tem-se:



O colchete colocado após o sinal de adição introduz a segunda parte do sintagma, onde a primeira parte se especifica através dessa construção, onde N_2 é o núcleo do subconjunto.

Esta construção se torna essencial para compor este tipo de SN, e, por si mesma, também já representa um especificador, dentro do SN, mas, nem por essa razão invalida ou expulsa a possibilidade de aparecimento de outros tipos vários de especificadores, não ao redor do N principal, N_1 , núcleo, mas somente após N_2 .

Exatamente, por essa razão, a locução adjetiva tradicional será considerada como algo de aparecimento necessário, sem o qual não se realizaria o N_1 , constituinte principal, como algo de estrutura consistente que será denominado de segunda parte constitutiva do SN, que, fatorado em dois, mostra um núcleo principal – primeiro, e um núcleo secundário após o sinal de adição de não menor importância e de aparecimento obrigatório, necessário e esperado, para que se possa proceder ao aspecto contrastivo.

A relação de subordinação ou de principalidade de N (núcleo principal) se expressa já a partir do próprio posicionamento fixo em que se apresenta.

O especificador, colocado sempre à direita nesse caso, recebe um peso maior do que o conferido a um simples especificador, pois que não se encaixa, nem sob os determinantes, ou quantificadores, nem tampouco em expressões qualitativas comuns, passadoras de uma atribuição, sejam elas de caráter explicativo ou restritivo, dependendo do objetivo a que se propõem.

Não costuma, portanto, essa construção $[\text{prep} + N_2]$ em português, ou $(\text{Art}) + N_2$, em árabe, movimentar-se isolada dentro do sintagma nominal maior a que pertence e com quem mantém uma relação de regida, subordinada e determinada.

Vai-se conservando sempre esse vínculo seja por adjunção, com uma preposição, interferindo como introdutor, como no português, seja por justaposição simples, dispensando o conectivo preposicional, como ocorre na língua árabe. Tal ocorre pois que essa segunda parte do SN possui a característica de não necessariamente combinar ou concordar com o núcleo a que se refere.

Tal subconjunto transcende do domínio espacial do núcleo e cria um distanciamento dele, servindo de seu especificador, mas não de portador de características semelhantes de gênero ou número.

Prende-se ao núcleo pela razão de que o especifica, delimita ou enriquece, mas mostra total independência de quaisquer flexões em relação a ele, núcleo N_1 , o constituinte principal do SN.

Esse traço já confere ao segundo membro da expressão uma diferenciação por si só e que a permite transpor os limites do núcleo referencial para lhe conferir dados independentes de seu domínio.

Esses dados vão funcionar como elementos de atribuição e de delimitação, bem mais amplos que os especificadores do tipo determinante, como artigos e/ou possessivos e indefinidos, que falam de especificações que precisam estar de acordo com a natureza do núcleo referido.

Essa característica porta um caráter todo próprio e idiossincrático do comportamento desse subconjunto + [prep + N_2], ou + [Art] + N_2] que confere ao SN uma diferenciação que o reveste, por isso mesmo, de valor de análise particular.

Esse tipo de especificador cuja constituição se esboçará sempre, em português, por uma [prep + N_2], ou, em árabe, por [(Art) + N_2], em sua posição fixa, será denominado de especificador núcleo $_2$, pois que núcleo também o é, ainda que do conjunto a que se encontra apegado e determinado por um núcleo primeiro, inicial, de valor maior somente pelo fato de que sem ele não se teria o dois.

É como se manuseasse uma realidade matemática onde o *um* se desintegrasse para, só então, produzir e originar o *dois*, mas perdendo, desde essa fragmentação, o poder da unidade.

É como se exatamente isso acontecesse: o *dois* só existe a partir do *um*, ainda que possa a ele conferir características que o completem, ou definem ou enriqueçam-no, como se fizessem parte de uma realidade inerente a cada um e, de certa maneira, interdependente mesmo entre si, justificando assim o vínculo estabelecido entre N_1 e o subconjunto, como duas partes necessárias e essenciais na composição deste SN, onde a segunda parte necessita realmente da existência do N inicial, para que possa existir e exercer sua função de dependência lógica, sintática e mesmo semântica.

Tem-se, sempre, esse aspecto bipolar na análise, onde a noção de regente e regido precisa se manter. Uma vez estabelecida a relação de posição e primazia, pode-se debruçar sobre a fatoração desses elementos constitutivos do SN.

O grau de afastamento dentro do aspecto contrastivo que ocorre quando da presença desta construção especial gera uma série de restrições na língua árabe. Em português, a ocorrência deste subconjunto em nada invalida a ocorrência dos vários especificadores junto a N_1 , como por exemplo, *vida*, em *Esta bela vida do homem*, onde todos podem continuar a existir sem mudanças de ordem ou função.

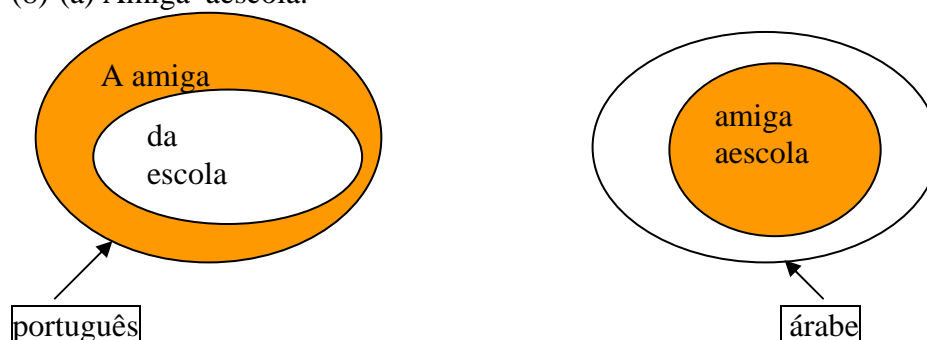
Já, em árabe, as restrições em relação aos especificadores aumentam a partir do momento da inclusão deste subconjunto à direita do núcleo constituente principal, chegando mesmo a prescrever que nenhum especificador poderá existir anterior a N_1 , quando da anexação deste subconjunto, N_2 - o *IDAafa*.

Assim tem-se, por exemplo, em português:

- (1) (d) A mãe da menina.
- (2) (e) A vida do homem
- (3) (f) A família do pai
- (4) (e) A secretária do Departamento
- (8) (a) A amiga da escola

Em árabe:

- (1) (d) Mãe amenina.
- (2) (e) Vida ohomem.
- (3) (f) Família opai.
- (4) (e) Secretária odepartamento.
- (8) (a) Amiga aescola.



A configuração em português mostra a permanência do especificador determinante, artigo definido junto a N_1 , já em árabe tal ocorrência é nula. A presença da preposição vê-se substituída pelo aparecimento do especificador determinante, artigo definido junto e anterior a N_2 , a justaposição dos nomes sendo suficiente, em árabe, para estabelecimento da construção.

Essa característica de imobilidade quanto à sua posição dentro do SN auxilia a observação de seu comportamento, justamente, por esse grau de fixidez, em relação aos demais constituintes do sintagma.

Essa identidade permanecerá, destarte ampliações que vierem a ser promovidas, como produto final, e inicial, a cada composição aumentada, ou diminuída, que porventura aprouver realizar, desde que as restrições referentes à não especificação de N_1 permaneçam, como no caso de:

- (1) (f) A mãe bonita da menina.
- (2) (f) Esta vida do homem.
- (3) (g) Esta família linda e perfeita do pai.
- (4) (e) A bonita secretária do Departamento
- (4) (f) A bonita secretária do Departamento de Admissão
- (5) (g) A bonita secretária do Departamento de Admissão e Registro
- (8) (b) A amiga da Escola Primária.

As ocorrências em cada uma das partes principais componentes do SN, isto é, as partes comandadas, respectivamente, pelo N_1 e N_2 podem ser paralelas ou isoladas em cada termo, ou seja, pode-se ter especificadores na primeira parte e não na segunda, ou vice-versa, ou em apenas e tão somente em uma delas, ou ainda, em nenhuma delas.

O importante será que se mantenha a possibilidade, dentre todos os constituintes operando dentro do sintagma, de se identificar e perceber a configuração do subconjunto.

Ocorre que dentre os exemplos acima todos são possíveis em português, onde tal construção não mostra uma feição dependente de uma série de restrições.

Mas nenhum é possível na língua árabe, pois que uma das restrições mais importantes do *IDaafa* é que nenhuma especificação ocorra dentro do âmbito de N_1 , pois que este é autodeterminado pela presença de N_2 .

Assim, especificadores de natureza atributiva como: *bonita*, *linda*, do tipo demonstrativo como: *esta* e do tipo artigo definido como *a*, não são esperados dentro de N_1 , pois que são de ocorrência impossível para que a construção se efetive como uma forma de especificação particular da língua árabe.

Todos os termos sublinhados seriam não possíveis, em árabe, para que tal construção ocorra. O N_1 deverá aparecer desprovido de qualquer tipo de especificação.

Necessita-se da presença do artigo, mas junto e anterior a N_2 , onde executará o movimento necessário para que se proceda à utilização da estrutura como subconjunto especificador e decorrente da existência da primeira parte, cujo principal constituinte reside no N_1 .

A não ocorrência do elemento conectivo, indicador da formação da estrutura gramatical locução adjetiva porta, ainda mais, uma marca, quando da passagem para a língua árabe.

Reside essa marca na omissão de artigo antes do primeiro N, o N_1 , pois que o Caso *IDaafa* tem como configuração exatamente isso: a omissão sempre do artigo antes do primeiro N, N_1 , e a presença obrigatória desse especificador determinante, artigo definido, antes do segundo N, N_2 , ou do último N enumerado, caso haja uma seqüência de Ns e não, tão somente, um, justaposto ao N_1 , respeitadas restrições decorrentes da natureza de N_2 .

Assim tem-se, em português:

(4) (f) A bonita secretária do Departamento de Admissão e Registro.

Já, em árabe, *a* e *bonita* não poderiam fazer parte do SN, caso se deseje a especificação realizada em N_2 .

Torna-se possível a ausência do artigo junto a N_2 devido a restrições relativas à natureza de N_2 .

Em (1) (f) tem-se: *A mãe de Abdullah* em ambas as línguas, mas, de maneira diversa, quanto à estrutura interna do sintagma.

Mantém-se os quatro componentes em português, o N₁ com especificador determinante, artigo definido à sua esquerda e a presença do conectivo, a preposição *de* não só liga, como confere uma noção de posse para o subconjunto onde o nome próprio *Abdullah* representa o N₂.

Abdullah possui *a mãe* e *a mãe* é dele, sendo esse o produto final da estrutura sintagmática.

Já em árabe, dois movimentos precisam ser executados dentro dessa estrutura, ou seja, já não se vai ter um especificador à esquerda do núcleo primeiro *mãe*, pois que se uma estrutura do tipo *IDaafa* precisa ser formada, não se pode, sob nenhuma hipótese, especificar o nome – primeiro, N₁, por um determinante de qualquer espécie que se queira.

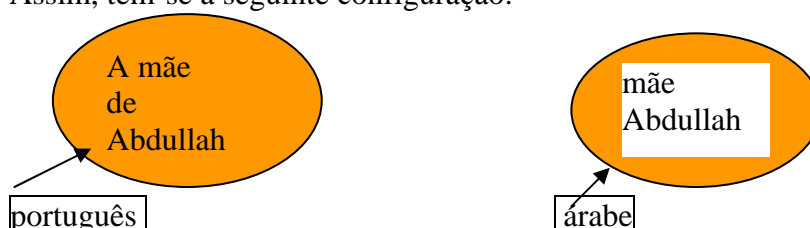
A língua não permite, nesse caso, o que seria chamado de dupla especificação, pois que o N inicial já é, por si só, determinado pelo que lhe segue, ou seja, pelo N justaposto, equivalente ao [prep + N₂] em português, e, sendo assim, prescinde de qualquer outro tipo de determinação.

O árabe dirá, então, *mãe Abdullah* para significar, *a mãe de Abdullah*, pois, além de dispensar o artigo no primeiro membro da expressão, *mãe* e não *a mãe*, omite a necessidade de ligação entre os dois componentes do sintagma, onde eles se anexam e estabelecem seu relacionamento por tão somente uma justaposição simples dos dois termos.

Ou seja, tem-se, então, *mãe Abdullah*, dando origem a um produto final, onde a mera justaposição já estabelece o vínculo de composição necessário dentro da estrutura do sintagma.

A justaposição dos nomes já define, por si só, ambos os nomes, sendo o aparecimento de determinação no primeiro nome jamais desejada ou esperada, e, no segundo, possível ou desejada, respeitada a restrição referente à natureza dos nomes em posição de N₂.

Assim, tem-se a seguinte configuração:



É possível a ocorrência de conjuntos, com o segundo elemento representado por um nome próprio e, ainda assim, com aparecimento obrigatório do especificador artigo definido.

Tal poderá ocorrer com certos nomes próprios de família que portam o especificador determinante, artigo definido, cristalizado, se constituindo, mesmo, em uma genealogia, que precisa ser respeitada.

Tem-se a possibilidade de se deparar mesmo com certos nomes próprios que se apresentam sob forma fixa, em que o segundo nome corresponde a uma designação de Deus, então, assim, outros fatores, não só os de ordem gramatical ou estrutural dirigem tal evento.

Fatores culturais e religiosos precisam, via de regra, serem assumidos, quando se procede a um estudo de fenômenos lingüísticos ocorrendo na língua árabe. A dissociação entre língua e cultura se faz, muitas vezes, impossível, em se tratando desse idioma específico, onde a codificação da língua escrita se realizou a partir de uma veiculação e necessidade religiosa.

III.6 - Ocorrências de estruturas nucleares como elementos constitutivos principais e explicitação do aparecimento do Dual quando de sua colocação dentre eles

Em (5) (a) tem-se um N_1 , representado não por um nome, mas por um pronome, não em função de especificador, no caso, mas sim de núcleo constituinte principal do sintagma, *elas*, referenciado por uma especificação, sob forma de epíteto, onde, em português, observa-se uma estrutura bem mais complexa em termos numéricos, pois que se tem, então:

(5) (a) *Elas, as duas moças.*

No entanto, em árabe, tem-se: (5) (a) *Elas, moçasduas*, um $[N_1 + N_2]$ sem necessidade de unidades lexicais que se responsabilizem, seja pelo artigo (*as*), seja pelo numeral cardinal (*duas*).

Pronome *elas* aparecerá como N_1 , enquanto o epíteto dispensará o especificador determinante, artigo definido, pois se apresentará como expositor de

duas unidades através de um elemento sufixal e, como tal, não se permitirá especificação por determinante, artigo definido.

Não haverá, tampouco, em árabe, a ocorrência do numeral dois, pois que tal fenômeno se registrará por meio de um sufixo, suprimindo-se, assim, uma unidade lexical por um sufixo acoplado ao chamado N_2 .

A economia e a concisão da estrutura se apresenta clara e indiscutível.

Ocorreu, pois, que, em árabe, o epíteto, nesse caso específico, se apresenta com especificador numeral indicador de duas entidades: *duas moças*, que dispensará seu aparecimento como uma categoria lexical isolada.

Sabe-se que, em árabe, quando se trata do numeral *dois* não se faz uso do plural, mas, sempre, do caso denominado como dual e que porta uma sufixação indicadora que especifica, além do elemento dois, se ele é masculino ou feminino, pela diferenciação de terminações.

Poderá mostrar, ainda, um aspecto funcional, se o nome se encontra em caso de sujeito, ou objeto, ou seja, se o nome demandar uma sufixação dual que expresse nominativo ou acusativo, respectivamente.

Dessa maneira, a especificação dual, indicativa de dois elementos, portará flexões de gênero e de função desempenhada.

Todos esses indicadores, i.e., numeral, flexão de gênero e função são representados através de um único sufixo, que se junta ao N_2 , transformando todo o conjunto de indicadores, aparentemente, em forma, em uma só palavra.

Diz-se aparente não porque vá aí surgir mais alguma outra unidade lexical, mas é que dentro dessa única unidade lexical, em árabe, o que se observou, até chegar a ela, foi a junção de quatro movimentos, dual, flexão de gênero, número e função desempenhada, devidamente reunidos e camuflados dentro de um só aparecimento visível, englobando várias transformações de aspectos relativos a esse epíteto.

Em (5) (b), *Eles os amigos do rei*, tem-se até *amigos* o mesmo tipo de estrutura encontrada em (5) (a), apenas o epíteto não mostra como referencial o numeral dois, mas um nome no plural, onde o mais de dois se mostra claro, em português, nem que seja pela não especificação desse numeral dois.

Considerando que não se tem aí um caso, em árabe, de dual, a análise, em ambas as línguas, não mostra grandes afastamentos de uma identidade comum.

Faz-se necessário, apenas, notar o processo de formação do conjunto ocupando a segunda parte do SN, i.e., *do rei*, em *amigos do rei*, onde, no epíteto, o nome *amigos* ocupa o lugar que no SN é reservado para o núcleo₁, ainda que, na realidade, nesse item (5), o núcleo₁ seja ocupado por um pronome pessoal, que não ocorre previsivelmente, no caso, como especificador em árabe, e muito menos em português, onde esta ocorrência seria impossível..

É no epíteto e, não no pronome com função de sujeito, que são verificados afastamentos tanto em (a) como em (b) na estrutura interna do conjunto, sendo analisado nas duas línguas. Diz-se *amigos orei*, em árabe, já que se encontra aí um subconjunto N₂, subordinado e preso a *amigos* com a mesma configuração apresentada em III.5, onde se observa a não possibilidade de determinação anterior ao primeiro membro do epíteto, *amigos*, representando N₁, omissão do conectivo (*do*) e exigência de determinação junto a N₂, por determinante artigo definido, não apenas colocado em um espaço anterior ao nome, mas agregado a esse e, com ele, formando um só conjunto, como se espera em uma construção do tipo *IDaafa*.

Assim, tem-se, em um epíteto sob a forma: *amigos do rei*, onde se destaca um núcleo dentro do especificador, qual seja, *amigos* e o subconjunto, *do rei*.

Essa construção é utilizada para restringir, já dentro do nível da especificação, o núcleo inicial, (*eles*), conferindo, além da característica de especificação, o aspecto de delimitação, pois que *eles*, no caso, não são quaisquer amigos, mas *amigos do rei*.

III.7 Estruturas múltiplas de N₂ e restrições referentes à colocação do especificador artigo definido

Esta formalização mostra, em árabe, especificadores do tipo determinante, artigo definido, nunca à esquerda do primeiro N, mas com artigo obrigatório anterior ao segundo, sem outro tipo de especificador à esquerda do segundo núcleo, a não ser o especificador determinante, artigo definido, que, na maioria das vezes, se constitui em uma **marca que precisa ocorrer**.

A ausência de especificadores à esquerda do primeiro núcleo, vê-se compensada pela possibilidade de n especificadores à direita do segundo núcleo, com a mesma configuração do inicial $[N_1 + N_2]$, prolongando-se indefinidamente para a direita, apenas com uma ressalva de grande importância: quando da enumeração de múltiplas estruturas de N_2 , ou seja, procura-se colocar a especificação determinante, artigo definido esperada, somente no último nome enumerado, salvo alguma ocorrência que justifique uma alteração deste padrão.

Assim, a adição de nomes substantivos, à direita do segundo nome, o que constitui a justaposição, é livre e infinita, bastando para isso que o aparecimento do artigo se dê, tão somente, quando da enumeração do último nome justaposto desejado. Assim passa-se a ter algo como:

$$[N_1 + N_2 + N_3 \dots\dots + \text{Esp}_1 \text{Det}(\text{Art}) + N_n]$$

Não será esperado que no *IDAafa*, apareça a especificação do determinante junto ao N_1 , mas apenas no último N_n enumerado.

Quando se trata de justaposição de nomes comuns, formando esse tipo de construção, se, se tiver, por acaso, uma justaposição em cadeia, com vários nomes justapostos, precisa-se salvaguardar que o especificador determinante, artigo definido só apareça quando do último N justaposto.

Os demais N s anteriores serão devidamente determinados pela simples justaposição e o aparecimento do artigo se fará, tão somente, junto ao último N enumerado, sendo isso suficiente para que esteja estabelecida a relação do subconjunto do SN , definindo assim a estrutura.

Uma seqüência de nomes que produz um só *IDAafa*, com só o último n devidamente determinado por um especificador determinante, artigo definido, só ocorre quando houver uma unidade morfossintática e semanticamente mantida.

Caso contrário, será preciso o exercício de uma fatoração, onde vários *IDAafas* poderão estar ocorrendo, mas separados, entre si, por algum elemento que os ligue um ao outro, mas nunca entre si mesmos.

Mas, se, por exemplo, a sincronia for observada em todos os níveis, presencia-se exemplos como o de: *filho da tia paterna de Samira*, onde a unidade

se mantém, atingindo até o plano semântico e, sincronização estabelecida, tem-se um só *IDAafa*, não importando o número de conteúdos em justaposição, ou seja, de nomes justapostos.

Assim, verifica-se, que, pelo acúmulo de especificadores à direita, se vê partida a estrutura total em conjuntos de dois em dois elementos, ou de n elementos, se houver uma coordenação exercida por um e , indicador de junção de identidades, o que não invalida, em nenhum aspecto, o parâmetro de comportamento da estrutura.

Já, em português, a justaposição isolada não seria suficiente para tal. Essa anexação de n construções, portando relações semânticas diversas quando processada a justaposição, sem mostrar a característica dessas relações não seria possível, pois que seria necessário que um elemento conectador, no português, portasse, em si, um indicador dessas relações semânticas através do aparecimento da preposição utilizada entre os nomes N_1 e N_2 ou N_n nomes, o que é obrigatoriamente dispensado na língua árabe.

III. 8 – Especificadores atributivos, junção de N_2 e restrição de não ocorrência junto a N_1 para não fragmentação do *IDAafa*

O aparecimento de especificadores de caráter atributivo, conforme explicitado em III.4, mostrou que, em português, ocorrem com grande mobilidade, diferentemente de em árabe, onde, além da não mobilidade, ainda se observa o agravamento de que especificadores desse tipo não poderão ocorrer se infiltrando entre as justaposições dos Ns , formando o tipo de construção denominada de *IDAafa*.

Nesse caso, precisa-se deixar a justaposição ocorrer, para só então proceder-se à colocação de especificadores de caráter atributivo referentes a N_1 , ainda que em N_2 . Mesmo assim, apesar de possível esta colocação após a justaposição do segundo N , o mais aceitável seria uma não ocorrência de especificação atributiva referente a N_1 , pois que apesar de possivelmente gramatical seria de aceitação e uso restrito entre os falantes.

Os especificadores de ordem atributiva, referentes a N_2 , se esse for o último N enumerado, poderão vir juntos a ele, seguindo-o, como é o estabelecido pelo parâmetro.

Apenas, não se pode esquecer que o aparecimento desses especificadores só ocorrerá caso o N_2 seja o último N justaposto, enumerado, dando origem ao tipo de estrutura de *IDAafa*.

Desta maneira, já não se estará permitindo quaisquer tipos de mobilidade ou interferência de especificadores que, eventualmente, pudessem quebrar a cadeia de justaposição clara e necessária.

Assim tem-se, em:

- (1) (g) A mãe bonita da menina / A bonita mãe da menina.
- (1) (h) A mãe bonita de Abdullah / A mãe bonita de Abdullah.
- (2) (g) A bela vida do homem / A vida bela do homem.
- (2) (h) A vida generosa daquele homem / A generosa vida daquele homem.
- (3) (g) Esta família linda e perfeita do pai /
Esta linda e perfeita família do pai.
- (4) (f) A bonita secretária do Departamento de Admissão /
A secretária bonita do Departamento de Admissão.
- (4) (g) A bonita secretária do Departamento de Admissão e Registro /
A secretária bonita do Departamento de Admissão e Registro.

Em (1) (g) e (h), (2) (g) e (h), (3) (g) e (4), (f) e (g) observa-se a mobilidade esperada em português, previsível e possível dentro da estrutura do sintagma, mesmo quando ocorrendo dentro da estrutura do subconjunto, previsível e possível dentro da estrutura do sintagma, mesmo quando ocorrendo dentro da estrutura do subconjunto mostrando-se o especificador atributivo em posições diversas, dependendo do desejo do falante em apresentar nuances semânticas, ou de estilo, com sua mobilidade

As inserções de especificadores são, portanto, bem mais livres e não mostram nenhuma diferença comportamental pelo fato de adição de uma construção do tipo destacado pelos elementos sublinhados acima.

Mas, muito diferentemente, a adição deste tipo de estrutura como N_2 origina uma gama expressiva de restrições comportamentais no sintagma quando ocorre na língua árabe.

A primeira grande restrição se prende ao fato de que nenhum especificador poderia surgir junto a N_1 , nem mesmo um especificador adjetival simples, que teria, de imediato, ser deslocado para operar como componente da estrutura do N_2 .

A segunda grande restrição se prende ao estabelecimento de um subparâmetro quando da ocorrência do aparecimento de um especificador adjetival. Sabe-se que este precisará ser coindexado, recebendo um determinante, artigo definido, da mesma maneira que o nome a que vá se referir

Isto posto, N_1 precisará continuar isolado se a intenção for a de formar uma construção que exija N_2 como mostrado nos exemplos acima..

Esses impedimentos significam a certeza de que os conjuntos não sofreriam fragmentação e qualquer adição de especificador seria feita dentro da construção do *IDAafa*, com aumento de especificação dela própria, mas não sob uma forma isolada diversa.

Tal fragmentação ocorrendo, invalidaria a comprovação do parâmetro estabelecido a partir dos princípios regendo a estrutura do *IDAafa*.

Assim, a colocação de especificadores à esquerda do N_1 , quando esse se constitui no primeiro N de justaposição não se assemelhará a ocorrências como na língua portuguesa.

Quando tal precisar ocorrer, ou procura-se expedientes diversos que conduzam a atalhos ou prolongamentos das construções, para que a função atributiva seja utilizada e compreendida, ou, simplesmente, procede-se a uma continuação do discurso, em que se possa dizer o mesmo, de outra maneira, sob outras perspectivas de ocorrência, sem que haja fragmentação da estrutura de N_2 .

O importante é que se saiba o que pode e o que não pode ocorrer, em uma mesma construção, quando se lida com dois universos, que se pretenda contrastar.

Assim, postula-se que todos os especificadores de cunho adjetivo puro, ou seja, os representados por expressões adjetivas que não se constituem em especificadores do tipo *IDAafa*, só ocorrem em posição de posteriedade ao N_1 , devidamente referenciados por determinante artigo definido, como se mostra em III.4.

Mas, ocorre que a inclusão da segunda parte do SN modifica totalmente a colocação desses especificadores, que precisarão não ocorrer antes do N_2 , para que não se presencie uma fragmentação dentro do *IDAafa*.

Pode-se postular, portanto, que especificadores à direita do núcleo, constituinte principal, N_1 , só ocorrem, na língua árabe, dentro do N_2 e após ele, para que a configuração da estrutura seja preservada.

Assim, tem-se em árabe as seguintes possibilidades dentro dos exemplos de (1) a (4), diferentemente do português:

Todos precisam de inserção de determinante artigo definido antes do atributivo para que seja respeitada a restrição referente à colocação de especificadores adjetivais, além da preservação da ordem esperada e somente possível de nome substantivo sempre anteceder a nome adjetivo e das próprias restrições contidas no uso de determinantes artigos definidos.

Então em árabe:

- (1) (g) e (h) Amãe abonita,
- (2) (g) e (h) Avida abela, avida agenerosa,
- (3) (g) Esta afamília alinda e aperfeita
- (4) (f) e (g) Asecretária abonita.

Se os SNs apresentassem somente estes elementos constitutivos, até essa altura tem-se o comportamento dentro do previsto e esperado. Mas, procedidas às anexações apresentadas na exemplificação que prevê a anexação de, respectivamente, em:

- (1) (g) *da menina* e (h) *de Abdullah*.
- (2) (g) *do homem* e (h) *daquele homem*.
- (3) (g) *do pai*.
- (4) (f) *do Departamento de Admissão* e (g) *do Departamento de Admissão e Registro*.

:

Verifica-se que o especificador adjetival junto a N_1 não poderá ocorrer, em árabe, se uma construção do tipo do subconjunto for anexada, pois que se tem o

estabelecimento de um subparâmetro, que respeite a não interferência de nenhum especificador dentro da justaposição necessária de nomes, para se efetivar o caso da construção especificadora, em torno de N_2 . Este núcleo constituinte e seu especificador passam a formar um SN independente e que não se pode inserir dentro do *IDAafa* pelas restrições apontadas, nos itens de (1) a (3).

Em (2) (g) e (h), em português, não haverá nenhum tipo de restrição dentro do sintagma se o subconjunto for antecedido por especificador artigo definido como em *do homem* ou por especificador demonstrativo mais artigo definido, como em: *daquele homem*.

Já, em árabe, (2) (h) *daquele homem* será de ocorrência impossível, pois que o especificador previsto junto e anterior a N_2 é tão somente o artigo definido em sua forma simples sem quaisquer combinações com demonstrativos

Em (4) (e) e (f) observa-se um prolongamento para a direita com o surgimento de: *de Admissão* em (f) e de *de Admissão e Registro* em (g), o que não ocorreu de (1) a (3) que não apresentavam possíveis Ns_2 que permitiriam o crescimento seqüencial para a direita previsto para n construções de *IDAafa* como em III.7.

A primeira providência para coexistência deste SN independente seguido por construções dentro do padrão *IDAafa* reside em afastar este SN do que se segue, isolando-o através da colocação de um conectivo, preposição, o que já mostra, de pronto, que tal SN não se identifica com a construção especial, pois que a omissão da preposição se constitui em um dos requisitos primeiros para que o *IDAafa* se realize.

Ao isso fazer, deixa-se claro que o árabe possui suas preposições e utiliza-as, quando necessárias, como outras línguas o fazem, mas omite-as, tão somente, no caso específico desta construção, onde essa omissão se constitui em uma de suas características próprias.

Assim tem-se, em árabe:

(4) (f) Asecretária abonita **do** Departamento aAdmissão.

(4) (g) Asecretária abonita **do** Departamento aAdmissão e oRegistro.

Departamento passa a ser o N_1 do *IDaafa* simples de (4) (f) e o N_1 do *IDaafa* composto de (4) (g).

Na segunda parte: *Departamento aAdmissão e oRegistro*, explica-se o aparecimento do especificador determinante, artigo definido, duas vezes surgindo pela inclusão dessa coordenação, motivada pelo uso do *e*, que permite o aparecimento do artigo no N_2 , *Admissão* e no N_3 , *Registro*, e não somente no último enumerado, N_3 , pelo fato da coordenação indicar, aí, identidade de estruturas e, por isso mesmo, permitir esse artigo que seria só, usualmente, utilizado no último nome enumerado, se tal coordenação não ocorresse.

Em ambas as línguas esse conectivo, *e*, de estabelecimento de coordenação entre unidades idênticas, de igual estrutura e função, ocorre, portanto, demonstrando, ao mesmo tempo, comportamento idêntico, estabelecendo, no caso, similitude de análise e ocorrência dentro da estrutura interna do sintagma.

Assim, tem-se as quatro primeiras possibilidades de ocorrências em português e tão somente as duas últimas em árabe:

A bonita secretária do Departamento de Admissão.

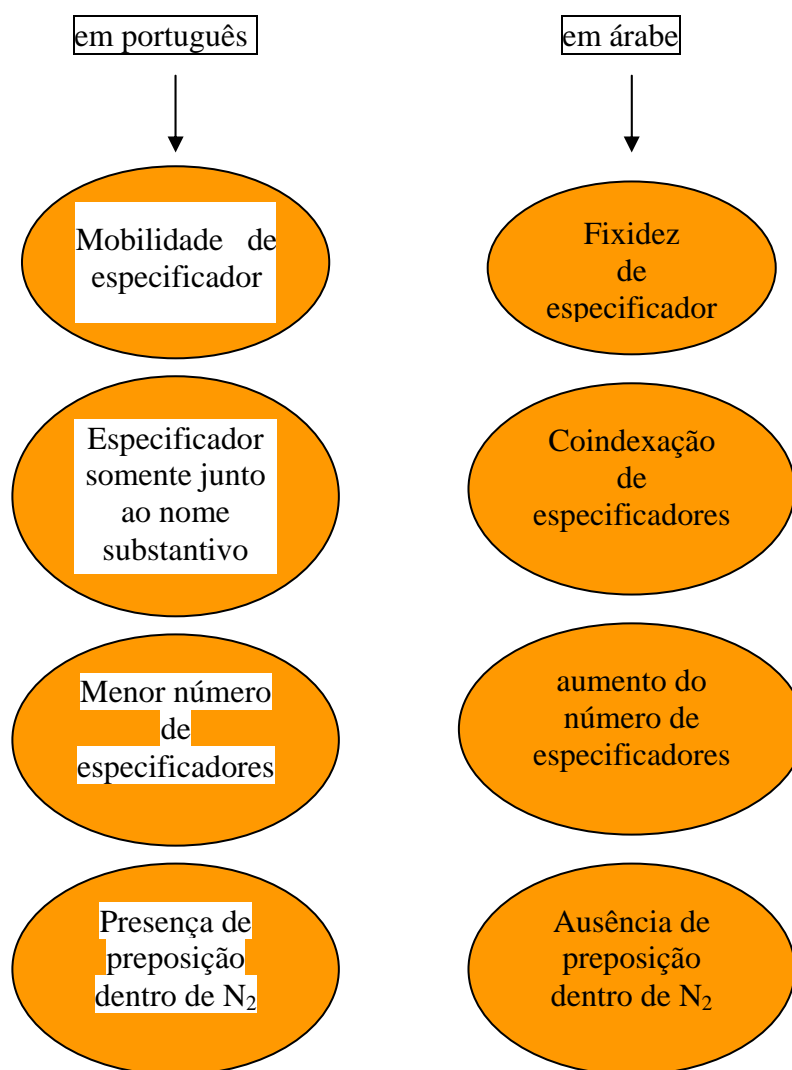
A secretária bonita do Departamento de Admissão.

A bonita secretária do Departamento de Admissão e Registro.

A secretária bonita do Departamento de Admissão e Registro.

Asecretária abonita de Departamento aAdmissão.

Asecretária abonita de Departamento aAdmissão e oRegistro.



Em árabe, o valor da estrutura $[N_1 + N_2]$ é extremamente alto e cristalizado na língua, para que possa N₂ ser afastado do N₁ a que se refere e a que se justapõe. Sua fragmentação não é esperada, assim evita-se a inserção de um especificador atributivo *bonita* junto a N₁, como *asecretária abonita*; mas, se esta especificação se mostrar necessária ao conteúdo a ser passado pelo SN específico, lança-se mão de artifícios como isolá-lo de *IDAafas* subsequentes por meio de uma preposição que, de imediato, corta a existência de N₂ como subconjunto da construção.

Assim, uma construção como *mãe Abdullah abonita*, ou *mãe amenina a bonita*, ou *secretária oDepartamento abonita*, ou, ainda, *vida ohomem abela*, ainda que gramaticalmente corretas, não seriam de uso entre os falantes que vão se inclinar pela manutenção do atributivo junto ao nome a que se refere, adicionando um artifício que não isole o especificador adjetival de seu nome de referência e nem tampouco fragmente os Ns constitutivos do *IDAafa*.

Este surgimento de mais um índice, a preposição, isolando nome substantivo e nome adjetivo, posicionando-os como um SN independente e anterior a construções de N_2 faz-se possível somente no caso de prolongamentos de n construções de N_2 , como observado em (4) (f) e (g)

Nas exemplificações de (1) a (3) que não apresentavam possíveis Ns_2 que permitiriam o crescimento sequencial para a direita previsto para n construções de *IDaafa* não se torna possível o uso do artifício de inclusão da preposição não prevista no caso, mas caso se deseje insistir, ou seja necessário esta atribuição adjetival ao nome, como, por exemplo, em *A mãe bonita da menina*, ou *A mãe bonita de Abdullah* possíveis, em português, daria, em árabe, a seguinte estrutura: *mãe amenina bonita*, ou *mãe Abdullah bonita*, sem que o especificador atributivo recebesse especificação por determinante artigo definido, pois que já não estaria, neste exemplo, em árabe, na função de especificador atributivo, mas de predicativo, portando ainda vocalizações indicativas de caso nominativo indefinido, como índice indicador de sua função, sem necessidade de nenhum conectivo para realizar tal indicação. Extrapola-se, no entanto, tal análise pois que o estudo trata de especificadores em função adnominal tão somente. A minúcia e a especificidade do emprego de casos não se encaixa dentro do escopo deste estudo.

Despreza-se, assim, esta possibilidade de deslocamento do especificador atributivo para longe do nome de referência a que é contíguo e para após o aparecimento de N_2 , a construção do *IDaafa*.

III.9 – Nuances semânticas trazidas pelo uso do conectivo de ligação versus ausência de passagem de variância semântica

A ausência de mobilidade de posicionamento do especificador adjetival, em árabe, e a não ocorrência de conectivo anterior ao N_2 , em construções do tipo *IDaafa* não tornam possível o evento passagem de variância semântica entre os conjuntos componentes do sintagma.

Tal se verifica quando se procede à análise dos pares em (6) (a) e (b).

No primeiro par de (6) (a) e (6) (b) tem-se:

(6)

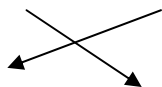
(a) A cidade da montanha pequena.

(b) A cidade da pequena montanha.

No primeiro par deste item, a distribuição dos especificadores mostra diferenças de ordem qualitativa e posicional, mas não de ordem quantitativa.

(a) A cidade da montanha pequena.

(b) A cidade da pequena montanha.



O nome comum *montanha* se apresentará, em árabe, na mesma posição, assim como, *pequena*, mas ambos mostrarão uma marca necessária de especificação através do aparecimento necessário de especificador, determinante, artigo definido, antecedendo ambas as duas categorias de nome, substantivo e adjetivo, cada um a seu turno, como subparâmetro pertinente a especificadores atributivos, conforme III.4.

Onde (a) mostra, em português, uma distribuição de posicionamento do sintagma adjetival dentro do subconjunto do SN, i.e., $[\text{prep} + N_2]$, diversa de (b), sem que haja perda de cunho sintático, nem morfológico e, no caso, nem tampouco semântico, se bem que essa última não tenha sido muito a preocupação.

Está-se, sempre, mais preocupada com o caráter sintático e estrutural do SN, do que, propriamente, com as nuances semânticas advindas de alguma oscilação de deslocamento dentro dele.

Assim, em português, a mobilidade do especificador atributivo é esperada e sua aleatoriedade uma característica.

Já em árabe, exemplificações (b) de (6) não ocorrem, pois que a única ordem possível para um sintagma adjetival é após o nome a que se refere, ordem essa que precisa ser rigidamente respeitada, pois que essa língua segue esse

parâmetro e não outro, dentro das possibilidades de princípios de localização sintática possíveis, sempre posterior ao nome a que se refere.

Este parâmetro, exposto em III.4 será sempre mantido, mesmo que se pensasse em nuances de variação semântica, pois que nem assim seria possível uma brecha nessa ordem, que é, por si só, uma das características da própria língua árabe.

O que ocorre é, exatamente, o que se entende por uma característica idiossincrática. Algo que é inerente, ainda que diverso, em relação ao mesmo fenômeno, ou situação, em outra língua, mas que nessa, especificamente só se manifesta dentro desse parâmetro: nome substantivo anterior ao nome adjetivo e nunca o oposto, estabelecendo um subparâmetro de ocorrência obrigatória.

Nota-se nestes exemplos em (6) outro afastamento significativo dentro da análise contrastiva, pois a nuance semântica é, em português, passada não só pela mobilidade do especificador atributivo, como no primeiro par, mas também pelo conectivo que faz a ligação de N_1 para o subconjunto, no segundo par, como em:

- (6)
- (a) Camisa de homem.
 - (b) Camisa para homem.

Esta diferença procedida através de uma escolha de conectivos, em português, não ocorrerá, em árabe, pelo simples fato de que N_2 não pressupõe a colocação de um conectivo anterior a ele, nem tampouco N_1 necessita um conectivo para se juntar a N_2 , pois que a mera justaposição já credencia N_2 como um N de N e estabelece automaticamente a dependência de N_2 a N_1 , que se vê automaticamente determinado pelo subconjunto, como previsto entro das restrições atinentes à construção do *IDAafa* e como explicitado em III.5.

Assim, o elemento conectador e passador de significação não ocorre na língua árabe, justamente porque ela dispensa a necessidade de tal elemento para estabelecer a anexação deste tipo de especificador à N_1 .

Outrossim, apenas justapõem-se os dois Ns, ficando essa transmissão de teor semântico reservada a ser contida na mente do falante, eliminando possibilidades de interpretação semântica, o que já se constitui em uma

característica atinente à língua árabe, que não deixa jamais possibilidades de interpretações outras para um dado evento.

Em português tem-se o especificador determinante artigo, à esquerda do N_1 , deslocamento da expressão adjetival e alternância de conectivos, como resultante de intenção semântica, ou mesmo, estilística.

Não se pode esquecer que o SN, em árabe, não poderá mostrar especificação de determinante artigo definido junto e à esquerda do N_1 , pois, se assim o fizesse, destruiria o formato previsto para a construção do *IDAafa* básico, i.e., => $\phi\text{Esp} + N_1 + \text{Esp}_1\text{Det}(\text{Art}) + N_2$.

Conseqüentemente, não se verificará a possibilidade de ocorrência de (a) e (b), no primeiro par, mas tão somente, uma delas, (a), pois que o nome substantivo sempre antecederá o nome adjetivo e a variação de posicionamento não será nem esperada, nem tampouco possível, em árabe, onde se tem somente:

(6) (a) Cidade amontanha a pequena, e:

(6) (a) Camisa ohomem.

Não se verificará, também, a variação na escolha do elemento de ligação, conector do N primeiro, N_1 , à estrutura, comandada pelo N_2 , pois que tal elemento de ligação não ocorre em árabe.

Tal escolha não se prende, evidentemente, ao formato da referida estrutura do SN, nem modifica, tampouco, a estruturação interna do sintagma.

Mas, na realidade, prende-se a um aspecto semântico, aspecto esse que é passado, exatamente, pela preposição que funciona como elemento de ligação, já que ela não se vê esvaziada de sentido e em função única de conexão.

Esta nuance semântica, em português, vê-se proporcionada pelo arbítrio da escolha do elemento que liga o N_1 ao N_2 e tudo o mais que possa gravitar, de forma ordenada, em torno deles.

Evidentemente, tal não ocorrerá na língua árabe, posto que essa despreza a necessidade desse conectivo, para formar tal construção.

Essa não ocorrência de passagem de variância semântica não se manifesta estruturalmente, o que não impede que ela possa ocorrer na mente do falante, conforme suas necessidades de transmissão desse ou daquele teor semântico.

No entanto, o que importa, do ponto de vista de análise estrutural, seria observar a ocorrência em uma língua, português, e a não ocorrência, na outra, árabe, de tal conectivo.

Evidentemente que, do ponto de vista de análise, verifica-se que a opção clara e manifesta na escolha de conectivos, prende a mente de quem recebe a comunicação, como também, segura a mente de quem executa a performance.

Dentro desse raciocínio, é-se forçado a verificar que, no caso do árabe, a não existência do elemento conectivo entre as duas partes de SN, conduz a uma maior liberdade e à constatação de que exista um laço semântico passado, sem exposição ou externalização do mesmo.

Uma dissecação da estrutura onde governa N_1 e da estrutura onde governa N_2 não trará a evidência clara e / ou superficial, dessa veiculação semântica.

Permanecerá ela, livre, dentro do arbítrio do falante, reservando-se a esse a escolha dessa ou daquela opção. Não fará essa opção parte das externalizações, mas do conteúdo mais profundo, não claro, ou aparente, da estruturação das sentenças.

A matematicidade estrutural dessa língua, bem como seu próprio objetivo a que se viu conduzida, como língua instrumental, passador de uma verdade espiritual, não permitem que ela porte, em suas sentenças, interpretações várias ou geradoras de questionamentos.

III.10 - A não omissão de especificador adjetival dentro da ocorrência de coordenação e restrições à sua substituição de duplo aparecimento não evitando repetição desse especificador

Em (7) (a) e (b), *O primo e a prima bonitos e o primo bonito e a prima bonita* tem-se dois núcleos de sintagmas coordenados por um elemento de coordenação, *e*, que evita a repetição do especificador de ordem atributiva, *bonita* / *bonito* fazendo-os *bonitos*, em português.

A alocação do especificador, representado pelo sintagma adjetival sofre uma flexão de número, sendo passada para o plural, como artifício de economia.

Procede-se a uma substituição de um duplo aparecimento, onde a coordenação funcionará como elemento de economia, deixando dois nomes com uma só especificação, apenas deslocada por uma flexão de número, esboçada pelo plural, no gênero masculino, como pede a sintaxe de concordância, em português.

Os especificadores determinantes, sob a forma de artigos definidos, *o* e *a*, mantêm-se um para cada núcleo dos SNs, sem possibilidade de supressão de um deles.

Já, em árabe, a supressão não se verifica com nenhum dos dois tipos de especificadores, pois, não só o especificador determinante, sob a forma de artigo definido aparecerá duas vezes, uma para cada nome a que se refere, como, também, o especificador adjetival (*bonito, bonita*), além de outro especificador determinante artigo definido cujo aparecimento é obrigatório junto ao especificador atributivo, como visto em III.4 e com as restrições referentes à junção do artigo junto ao nome, formando um bloco único, ainda que com duas unidades lexicais distintas bem perceptíveis, i.e., artigo e nome.

Então tem-se, em árabe, algo como: *Oprimo obonito e aprima abonita* e não: *O primo e a prima bonitos*, como em português. A língua árabe prioriza esta construção onde os dois núcleos se encontram separadamente especificados, ou seja, idêntica configuração para o feminino, ainda antecedida por um elemento de ligação coordenativo. Não se registraria, portanto, nenhuma economia pelo fato de utilização de elemento de ligação de ordem coordenativa.

O número de especificadores se vê bastante acrescido, quando da análise contrastiva, pois que em português tem-se dois especificadores determinantes, *o* e *a*, e um especificador atributivo, *bonitos*, levado para o plural, servindo, igualmente aos dois nomes, enquanto, em árabe, verifica-se o aparecimento de quatro especificadores determinantes, artigos definidos, *o, a, o* e *a*, acompanhando *primo, prima, bonito, bonita*, além dos dois especificadores atributivos *bonito* e *bonita*, perfazendo três especificadores em português e seis em árabe.

Essa seria a primeira aproximação, ao passar do português para o árabe. Ocorre que os laços de parentesco, nessa língua, costumam ser descritos,

detalhadamente, mostrando toda a relação familiar, possível, contida dentro de uma determinada palavra desejada.

Assim, por exemplo, *primo*, ou *prima*, não se diz *primo* ou *prima*, simplesmente, mas *filho*, ou *filha do tio* ou da *tia* e, ainda mais, o resultado final seria algo mais extenso.

Torna-se necessário especificar que tipo de *tio* ou *tia*, pois, para o árabe, é extremamente importante saber se esse *tio* é do lado materno ou paterno, já que as implicações de ordem cultural e jurídica precisam ser observadas, quando dessa especificação.

Dessa maneira, *o primo bonito* poderá gerar as seguintes possibilidades: ele será ou, *filho da tia paterna*, ou *filho do tio paterno*, ou *filho da tia materna*, ou, ainda, *filho do tio materno*.

Suponha-se que se esteja falando do *filho do tio paterno*, então tem-se algo como: *Filho tiopaterno obonito*. A especificação por determinante, artigo definido, deixou de ocorrer junto a *filho*, pois que é *filho de tio* ou *tia*, formando, pois, nesse caso, um *IDAafa* necessário e compulsório para se expressar *primo*.

Verifica-se, então, mais uma vez, a língua sendo objeto de passagem de um dado cultural passado, que ao isso se verificar, cria uma construção toda especial, o *IDAafa*, para o fazer, a fim de que o traço de costume e cultura seja devidamente evidenciado e compreendido.

Tio paterno possui uma única palavra para sua designação e seu especificador atributivo, como se sabe, será acompanhado de uma especificação de ordem determinante, artigo definido, que formará junto com o nome adjetivo um só conjunto, mas dentro dele duas unidades lexicais, como é o previsto, explicitado em III.4.

Essa a razão pela qual são apresentados inseridos em suas unidades lexicais a que se referem, ocasionando, em relação ao português, uma redução de elementos lexicais, se analisados contrastivamente.

O simples fato de dois nomes se encontrarem em justaposição, em árabe, já cria uma determinação, pois que o primeiro será automaticamente determinado pela presença do segundo a ele justaposto, tal é consequência do princípio pertinente à construção do *IDAafa*, como verificado em III.5.

Dessa maneira, entende-se *o filho do tio paterno*, e mesmo que essa determinação não se expresse através de uma presença clara e explícita, ela estará se processando por uma projeção da propriedade dessa construção de justaposição de nomes, que já expressa determinação por sua própria definição.

Estas relações familiares fazendo uso do *IDAafa* enriquecem o aspecto contrastivo estabelecido entre as duas línguas, português e árabe.

III.11 – Introdução de um locativo semelhante em aparência estrutural ao *IDAafa* onde o uso da preposição não só não se realiza como se vê interdito pela própria construção definida através desta ausência

Especificadores de natureza locativa, ainda que, estruturalmente, se assemelhem à construção do subconjunto, componente da segunda parte do SN, mostram, em sua análise, diferenças, especialmente quando se passa para o aspecto contrastivo com a língua árabe, onde se observa, inclusive, afastamento estrutural relevante.

Os exemplos em (8) (a) e (b) recebem uma explicitação especial e a escolha, em (8) (c) de *do Cairo* foi intencional. Semelhante em aparência, pois se mostra com a mesma forma estrutural de N₂, a semelhança aparente se vê contrariada pela função a ser desempenhada.

Do Cairo representa uma expressão locativa e como tal não pode ser analisada como desdobramento de N₂, elemento constituinte principal de complementação à direita do SN, como em:

- (8) (a) A amiga da escola.
- (8) (b) A amiga da escola primária, e
- (8) (c) A amiga da escola primária do Cairo.

Em português, (8) (a),(b) e (c) mostram a necessidade de existência da preposição, não só em (a), em (b), como duas vezes em (c), pois que este conectivo faz parte integrante e necessária para que não só N_2 , como locativos, ocorram.

Já, em árabe, esta repetição de conectivos não ocorre, como se constitui em uma das principais restrições para que o subconjunto se ligue a N_1 , pois que esta ligação se fará pela simples justaposição, como já devidamente explicitado em III.5. Sendo assim, a economia de elementos de ligação já se constitui em um dos traços de afastamento comportamental entre as duas línguas.

Assim tem-se, em árabe:

(8) (a) Amiga aescola.

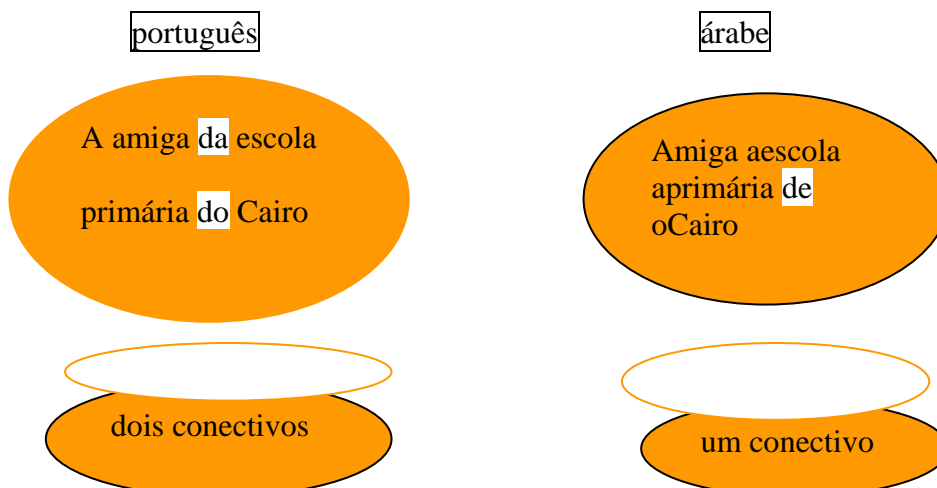
(8) (b) Amiga aescola aprimária.

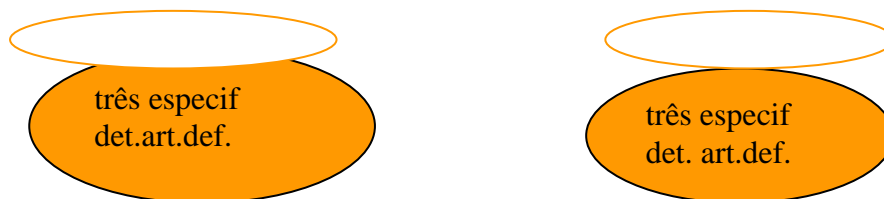
(8) (c) Amiga aescola aprimária de oCairo.

Em (8) (a) verifica-se a ocorrência de um *IDAafa* na posição de N_2 , *aescola*, em (8) (b) constata-se, mais uma vez, a ocorrência do *IDAafa*, mas acompanhado de um especificador atributivo, cuja presença dentro de N_2 é totalmente possível, pois que não interferiu junto e à esquerda de N_1 , não ocasionando nenhuma fragmentação, e sua ocorrência já se deu dentro do subconjunto e referencial a N_2 , não interferindo na característica de justaposição da estrutura.

Em (8) (c), no entanto, além do *IDAafa* acompanhado de um especificador atributivo, *aescola aprimária*, tem-se o surgimento do locativo, que precisa ser antecedido por um conectivo preposicional que efetua a ligação deste após a estrutura do N_2 .

Assim, a expressão locativa exigiu uma diferenciação para explicitar a diversidade de função em relação à construção do *IDAafa*.





Apesar de número igual de especificadores nas duas línguas, português e árabe, a distribuição não é idêntica. O N_1 em árabe dispensa especificação, mas esta redução é compensada pela necessidade de coocorrência de especificadores determinantes artigos definidos juntos ao nome substantivo *escola* e junto ao especificador atributivo *primária*.

Fez-se necessário explicar a estrutura: *do Cairo*, que, propositalmente, faz parte da exemplificação formadora da amostra, num esforço de adições à direita, que são passíveis de ocorrência, mas pertencem a um cuidado de detalhes que facilite arbitrar possibilidades que, ainda que não sejam de ocorrência constante, poderiam trazer problemas de análise.

Assim, se acrescentada, em árabe, essa estrutura *do Cairo*, apesar de sua semelhança estrutural ao *IDAafa*, funcionará como um locativo e, por esta razão, fará uso de uma preposição que se veria interdita se *do Cairo* fosse uma estrutura semelhante à *da escola*, ou à *da escola primária*. Desta maneira, procedeu-se ao acréscimo necessário de uma preposição comum a locativos que expressam estabilidade de movimento, ou seja, não movimento em nenhuma direção, lugar *onde*, na língua árabe.

O uso desta preposição não só não se realizaria, como se veria interdito pela própria construção que se define especialmente através desta ausência se neste caso não se tratasse de um locativo e não de um N_2 .

Ao isso fazer, mais uma vez, deixa-se claro que o árabe possui suas preposições e utiliza-as, quando necessárias, como outras línguas o fazem, mas omite-as, tão somente, no caso específico da construção do *IDAafa*, onde essa omissão se constitui em uma de suas características próprias.

Do Cairo extrapola-se do âmbito de análise, que não prevê a inclusão de locativos no sintagma, mas, ao se fazer uso intencional desta expressão, pode-se estabelecer um parâmetro de interesse, qual seja, o aspecto comparativo entre línguas, muitas vezes, servindo como mecanismo de elucidação de possíveis dúvidas classificatórias.

IV. CONCLUSÕES

Um estudo contrastivo desse tipo, nos terá levado, com certeza, a estabelecimento de parâmetros que buscávamos e que se prestam, com mais certeza, ainda, para mostrar que as línguas sendo postas em contacto, sob a forma contrastiva, têm muito mais a nos oferecer de semelhanças e de pontos em comum do que em afastamentos, ou disparidades.

A tendência e o assentimento destes princípios se baseiam, bastante, no fato de que vão elas se afastar no que lhes é periférico, mas não em sua essência, o que nos credencia para afirmar que pudemos proporcionar o que buscávamos, ou seja, a identificação possível e esperada, dentro dos contrastes.

Alcançou-se o pressuposto de que línguas variam muito menos em seus princípios que se possa imaginar e que a identificação desses princípios genéricos e essenciais permitem a atribuição de parâmetros na descrição de uma determinada língua.

Tal fato tranqüiliza, pois que fica patente que a evidência se torna real pelo efeito da repetição e semelhança de eventos, já que as evidências fazem admitir que as hipóteses pareçam razoáveis.

A estrutura aparente difere, em muito, entre essas duas línguas, mesmo dizendo, significativamente, a mesma coisa, o que se tornou de extrema importância para a análise proposta, pois que mostra que as línguas diferem em certos parâmetros, mas não em sua essência de mensagem proposta passada.

O especificadores sob a forma de determinantes, artigos definidos, demonstrativos, possessivos e sob a forma, mais especial ainda, do *IDAafa* mostraram, quando contrastivamente analisados nas duas línguas, português e árabe, que uma determinada construção pode apresentar variantes e mesmo empecilhos fortes para alcance de uma igualdade estrutural, mas percorridos os caminhos e colocadas as pedras em seus devidos lugares esperados, por cada língua, alcança-se, com certeza, um resultado final que se assemelha e que agrada.

Agrada-nos, pois que vemos que a colocação e a estrutura são peças-chave na diferenciação entre línguas; mas, que, uma vez analisadas, fatoradas e decompostas e então percebidas, absorvidas e manuseadas, adequadamente, conduzirão a um mesmo resultado semântico final.

Assim, nos proporcionamos o que procuramos, ou seja, a identificação possível e esperada, dentro dos contrastes e dissemelhanças.

Bem sabemos que as evidências na ciência lingüística não precisam ser relevantes, nem tampouco, uma sentença estranha que pareça contradizer a teoria nos colocará na situação de negá-la.

Uma análise alternativa coerente suplanta quaisquer obstáculos que surjam dentro de uma explicitação, buscando estabelecer parâmetros.

Assim, percebe-se o **distanciamento naquilo que é periférico**, mas a **manutenção do que é essencial**, que se mostra uniforme **entre línguas**, pois, se tomarmos, por exemplo, o caso do *IDAafa*, com seu comportamento todo particularizado, fazendo vir à tona uma configuração que, justamente, afasta a aparência de similitude das construções nas duas línguas, criando o diferente, mas não o discrepante, o dissemelhante, mas não o inexplicável.

Conclui-se que as línguas diferem no que é periférico, estabelecendo parâmetros de variação, mas mantêm-se semelhantes no que se refere a princípios norteadores gerais e de aplicação simultânea entre-línguas.

Assim, tem-se o mesmo evento, ocorrendo nas duas línguas, português e árabe, dentro de um mesmo princípio de identidade de função a ser desempenhada, mas com parâmetros diversos dentro da estrutura externa aparente dessas construções.

Ao cotejarmos os especificadores determinantes, demonstrativos e possessivos verificaram-se vários parâmetros de comportamento, onde um afastamento se apresentava nítido e peculiar, mas nunca o suficiente para não reconhecer que o princípio inicial da especificação ou da determinação ocorreria, independentemente das digressões ocorrendo e notadas em uma língua, mas não ocorrendo na outra.

Os parâmetros mostraram suas peculiaridades e suas idiossincrasias sem detrimento do conceito de especificação nas línguas sob análise contrastiva. Trata-se, apenas, de um aspecto periférico observável, mas sem prejuízo algum para a essência da categoria especificação em ambas as línguas sob estudo.

As operações podiam apresentar acréscimo de movimentos e projeções, em árabe, mas o traço de identificabilidade sempre se mantinha nas várias situações de especificação fossem elas do tipo determinante artigo definido, ou cocorrência de demonstrativos com demonstrativos, ou excludências de

possessivos com artigos definidos, ou fixidez dos atributivos com dupla indexação de determinante artigo definido.

As ocorrências de todas estas operações ou projeções jamais invalidaram a permanência de identidade de princípios, mostrando que as diferenças entre línguas residem mais na periferia do que, propriamente, em seus aspectos essenciais. Muito pelo contrário, essas divergências ou afastamentos, são de ordem superficial, não invalidando o resultado final, qual seja, o de especificar.

Côncios somos, que essas diferenças entre línguas, são de teor periférico e não nos credenciam para estabelecermos que as mesmas sejam totalmente diversas, afastadas, ou sem pontos de contacto.

Tais afastamentos sequer concedem alguma brecha para admitir que essas duas línguas muito se afastam de princípios universais existindo entre línguas.

É justamente nisso, nessa capacidade que línguas mostram de chegar a um denominador comum através de passos extremamente diferentes e, por vezes, mesmo aparentemente antagônicos, que se prendeu nossa argumentação.

Os caminhos representam as diferenças periféricas entre línguas, mas a essência se vê mantida, não diferem no resultado final.

Cabe a nós explicitar esses caminhos, decompô-los, torná-los compreensíveis e, mais que tudo, aceitá-los como fenômenos atinentes a uma determinada língua, mas que, nem por isso, tornam essa língua estranha ou diferente, ou menos compreensível por nós.

Não se pode, também, esquecer a função de lingüistas, em que jamais cabe julgar que essa língua, ou outra, seria mais, ou menos complicada, ou mais rica, ou mais pobre, em determinados detalhes.

A atribuição de um grau atributivo à língua, ou a línguas não é, nunca, a função do lingüista. Sua função é o registro e a constatação de aspectos contrastivos que enriqueçam as análises e, assim, podem proporcionar o estabelecimento de parâmetros ou subparâmetros, dentro de princípios maiores.

Sabemos não ter se tratado de uma tarefa simples, pois que o fato de ser *inérita* nos deixa um caminho aberto e solitário, onde *a coragem de o fazer se vê muitas vezes misturada com o temor da ousadia.*